

Atendimento "desumanizado"

Os utentes que acorrem aos hospitais públicos de Luanda continuam a denunciar o mau tratamento que recebem. Os profissionais de saúde defendem-se. Mas, nos relatos há evidências de desumanização. **p. 14-15**



Artista condenado

O cantor "Cage One" foi condenado pelo Tribunal Provincial de Luanda a seis meses de prisão por crime de condução sob o efeito de álcool. A pena foi convertida em multa, a razão de 100 Kwanzas por dia, 10 por cento de emolumento ao Governo Provincial e uma taxa de justiça no valor de 88 mil Kwanzas. **p. 19**



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA

CONFISCO E DESCONFISCO



Propriedades ainda em nome dos antigos donos

Em Angola, e em Luanda, em particular, não existe memória de alguma campanha de registo de propriedade realizada pelo Estado, para legalizar os bens confiscados. Pelo contrário, o Estado vendeu os imóveis aos seus ocupantes, sem antes fazer o registo destes bens, ou seja, vendeu bens que nem sequer estavam em seu nome. O antigo secretário de Estado da Habitação, Vitoriano Nicolau, descarta a existência de algum ilícito. "Todos bens confiscados e nacionalizados são e vão continuar a ser propriedades do Estado angolano...", disse. **p. 23**

MABUNDA

VENDEDORAS RESISTEM ÀS AUTORIDADES

Na sexta-feira, 3, por volta das 10 horas da manhã, um ou outro vendedor e zungueiro ousavam comercializar peixe fora do mercado da Mabunda, localizado no distrito da Samba. A origem do produto estava nos "segredo dos deuses". "Tenho as minhas fontes", disse um jovem que vendia lambulas fresquinhas. **p. 3**

MULTAS NO ENSINO PRIVADO

UM ASSALTO AO BOLSO DO CONSUMIDOR

É facto que os preços praticados pelos centros infantis e outras instituições de ensino privado contrastam, em muitos casos, com a qualidade dos serviços prestados ao público. Os pais e os encarregados de educação frequentemente reclamam, mas não encontram entidade que lhes resolva o assunto em definitivo. **p. 8**

TRÂNSITO

OBRAS PARADAS SEM DATA PARA O RECOMEÇO

Interrompidas há mais de dois anos, as obras de construção do novo sistema de Trânsito Rápido de Autocarros (BRT) continuam sem data de reinício. A construção do projecto prometia solucionar parte da dificuldade de mobilidade rodoviária na cidade de Luanda, e estava a cargo da construtora brasileira Odebrecht. **p. 04-05**



OBRAS PÚBLICAS Governo alega falta de dinheiro

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

HIGIENE NA PRAÇA DA MABUNDA

Luanda registou, em Julho, um surto de cólera, que resultou em mais de 50 casos e cinco mortos. O local de carga, descarga e venda de pescado da praia da Mabunda, no Distrito Urbano da Samba, é apontado um dos epicentros da epidemia. Apesar de existir um mercado, construído de raiz, com uma capacidade para 460 bancadas, as vendedoras insistem em vender o peixe à beira-mar, em condições pouco higiénicas, num verdadeiro atentado à saúde dos luandenses.

A decisão do Governo Provincial de Luanda, em transferir a venda do pescado para Porto Pesqueiro da Boavista, não agradou as comerciantes do mercado da Mabunda, que preferem continuar a vender em condições precárias, sem o mínimo de higiene.

Segundo eles, o Porto Pesqueiro da Boavista, para onde foram transferidas as embarcações semi-industriais, bem como a comercialização do pescado, não oferece condições para a compra e venda a retalho. A Comissão Administrativa da Cidade de Luanda garante haver sim condições e quem não cumprir com a decisão vai ser punido com multa.

A medida peca apenas por tardia, uma vez que quem trabalha com a venda de alimentos deve no mínimo oferecer aos clientes boas condições de higiene no seu local de trabalho, facto que não se observa no seio das vendedoras da Mabunda, onde o lixo e o cheiro nauseabundo expõem às bactérias.

A cólera é uma infecção do intestino delgado causada por estirpes de uma bactéria chamada *Vibrio cholerae*. Caso não for tratada, esta doença infecciosa pode causar a morte em poucas horas. A diarreia aquosa aguda e muito intensa - que pode causar um quadro grave de desidratação - é o principal sintoma. A doença transmite-se por ingestão de água, marisco ou outros alimentos contaminados.

Luandando



ROSALINA MATETA
Editora

CITADINOS QUEREM SEGURANÇA DE VOLTA

Os assassinatos em série de que vamos tendo notícia e o requinte de crueldade empregue no cometimento dos mesmos remetem-nos ao século XVIII, em que Jack, um enigmático e temível assassino londrino, estripava as suas vítimas, retirando-lhes os órgãos internos. Tal era a perícia em "rasgar" os corpos que as autoridades da época admitiam a hipótese dele ser médico cirurgião. Jack, o Estripador, nunca foi descoberto, mas tornou-se lenda, eternizada em livro e no cinema.

Nestes dias, ficamos a saber pela Polícia que, em Cabiri, limites de Luanda, um aprendiz de Jack, o estripador, foi detido logo após assassinar barbaramente um indivíduo do sexo masculino. Suspeita-se que esta terá sido a quinta vítima de um antigo instrutor dos Comandos das Forças Armadas Angolanas que, com ajuda de dois cúmplices, matava moto-taxistas atraindo-lhes com a proposta de pagamento de quantias significativas e posteriormente extraía-lhes o coração e outros órgãos internos.

O assassinato de um cidadão por assaltantes que invadiram a sua residência, no bairro Mundial, e a suposta violação de sua esposa estão entre os crimes mais violentos que Luanda registou. Acredita-se que muitas mortes arrepiantes, violações, raptos e outras espécies de crimes não chegam à imprensa. Assim, Luanda continuará a ser palco de muitos acontecimentos negativos que, por força do impacto, infelizmente, ofuscam os aspectos positivos, porquanto os maus tocam directamente na vivência social.

As necessidades inerentes à existência humana obrigam, cada vez mais, os cidadãos a grande mobilidade, quer seja para a procura de emprego que dá proventos que garantem o sustento, como para busca de uma habitação. Embora ambos sejam essenciais para todas as pessoas, é consensual que Luanda, há muitos anos, não tem o melhor para oferecer.

Conhecemos as razões que levaram ao êxodo humano e asfixia da cidade relativamente à habitação. Também sabemos que a resposta das autoridades à demanda tardou décadas a chegar. Uma realidade levou à outra. A falta de emprego foi inevitável. Os naturais e os agregados de Luanda debatem-se diariamente com esta carência. Como um dos reflexos do desemprego assistimos ao recrudescimento da delinquência e a sofisticação dos métodos de actuação dos criminosos, desafiando os pronunciamentos da Polícia que dão conta de um "combate cerrado" aos marginais.

De qualquer modo, toda esta onda de violência deverá causar repulsa aos cidadãos. Ao ponto de a exteriorizarem, através de acções que, ao menos, conduzam à detenção dos criminosos. A Polícia tem e terá sempre o papel de garante da paz social. O sentimento de segurança deve ser devolvido ao cidadão de Luanda urgentemente.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



EPAL METE ÁGUA CIRILO DA CONCEIÇÃO INUNDADA

A Empresa Pública de Águas de Luanda (EPAL) continua a ser notada pelas piores razões. A ruptura de uma tubagem, na rua Cirilo da Conceição, à Baixa de Luanda, abriu uma fenda que, noite e dia, faz o precioso líquido escorrer para várias direcções, chegando à rua Major Kanhangulo, passando pelo Tribunal Provincial de Luanda e pelo Ministério das Relações Exteriores. Seguindo pelo asfalto sabe-se lá para onde. A ruptura está a frente de uma conhecida unidade hoteleira e do Instituto Nacional de Segurança Social. A força da água já criou um buraco que, mais alguns dias, pode dar

lugar à uma "cratera". A mobilidade do trânsito automóvel e das pessoas já está condicionada. Para sinalizar o buraco, foram colocados dois separadores de plástico que, apesar da grande utilidade, estão a dificultar a circulação de viaturas, na medida em que a via está mais estreita e a água obriga os automobilistas a uma condução mais cuidada e, por isso, lenta. Os peões também sofrem com a situação. Vezes sem conta ficam com as roupas salpicadas de água e lama levantadas pelos pneus dos carros. A EPAL é useira e vezeiras em negligenciar-se das suas responsabilidades. Então, perguntamos, até quando durará este triste cenário e quem paga os milhares de Kwanzas de prejuízo?

A palavra ao leitor



Conduta indecorosa

Há menos de um mês, agentes da Polícia Nacional, no município de Cacuaco, sem razões que justifiquem efectuaram disparos com armas de fogo, tendo atingido um jovem na região do abdómen. Lamentavelmente, pouco ou nada se fala do assunto e o Comando de Polícia local tem feito vista grossa em relação ao assunto. Penso que o comandante do Comando de Divisão daquele município devia tomar uma atitude mais rígida e acabar com este tipo de situações que só mancham o bom nome da corporação. Não se pode admitir que haja no seio da polícia agentes com instinto de bandidos.

Mauro Lopes
Cacuaco

Valas de drenagens

Vivo no Benfica, próximo de uma vala de drenagem que atravessa a "Ponte Molhada". Infelizmente, numa altura que se aproxima o início da época chuvosa as autoridades ainda não se prontificaram em limpar a referida vala. Gostaria, muito sinceramente, de saber porque razão à Administração Municipal de Talatona não realiza trabalhos de limpeza, enquanto estamos na estação de cacimbo. É imperioso que se faça alguma coisa para que no tempo chuvoso não aconteçam os habituais constrangimentos.

Jorge Manuel
Honga

Travessia imprópria

Tenho constatado que os peões na cidade de Luanda insistem em fazer a travessia em lugares impróprios. Mesmo nos pontos onde existem pedonais, cidadãos há que as ignoram, arriscando a travessia imprópria. Por causa desta conduta muitos já perderam a vida vítimas de atropelamento. Penso que as autoridades têm de criar normas para punir este comportamento.

João Manuel
Maianga

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta e Adalberto Ceita

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Designer: Irineu Caldeira, Adilson R. Félix & Sócrates Simóns

Morada: Rua Rainha Jínga 12/26. Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao



Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abri, Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores não Executivos: Olímpio de Sousa e Silva, Catarina Vieira Dias da Cunha



**ANTEDECENTES
DISTRITO REGISTA
CASOS DE CÓLERA**

A prevenção contra a cólera que ameaça o Distrito Urbano da Samba, e não só, esteve na base da proibição pelo Ministério das Pescas e do Mar. No princípio do mês de Julho, o mesmo distrito registou três casos de cólera, um na Camuxiba e dois no Povoado.



**VENDA A CÉU ABERTO
PROIBIDA A COMPRA
E A VENDA NO MERCADO**

A venda de peixe a céu aberto na Mabunda e na Ilha do Cabo acabou, assim como a descarga de pescado que agora deve ser feita no Porto Pesqueiro da Boavista e no Centro de Apoio à Pesca Artesanal, na Ilha do Cabo. Está expressamente proibida a compra e a venda fora do mercado.

CÓLERA INTERDITA MABUNDA

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Novos mercados de peixe desagradam a vendedores

A venda de peixe a céu aberto na Mabunda e na Ilha do Cabo acabou, assim como a descarga de pescado, que agora deve ser feita no Porto Pesqueiro da Boavista e no Centro de Apoio à Pesca Artesanal, na Ilha do Cabo.



A tinta de caju

LUCIANO ROCHA



LER JACINTO AO CONTRÁRIO

Luanda, guardadora das recordações, gravadas a tinta de caju, que vos transmito quinzenalmente, cada vez mais me faz lembrar os nossos poetas que a cantavam com palavras feitas de lágrimas, angústias, raivas, mas também de esperança e amor.

Eu, que abomino saudosismo e lamechices, mas deixo, sem complexos de qualquer espécie, correr livremente lágrimas de alegria e tristeza, sinto quase diariamente a falta deles, dos poetas e escritores. Que me ensinaram a gostar de ler, desfizeram dúvidas sobre a Luanda que tínhamos e queríamos ter. Mas igualmente dela, a cidade, da solidariedade que a habitava, capaz de atenuar angústias e alimentar sonhos construídos de nuvens com nossos sabores, cheiros, cores, cantigas de passarinhos. Coisas tão simples e importantes, que ela já não tem. Tiraram-lhe. Em nome de modernices e progressos assimilados.

À Luanda de hoje, a cidade ultrajada, falta-lhe quase tudo. Até poetas e prosadores que a cantem. Como fizeram os que a amavam de verdade. Que não escreviam por vaidade. Faziam-no pelo amor que lhe tinham. Sem pensarem em fotos, entrevistas, sessões de autógrafos, quanto mais subsídios! Que os havia, certamente, mas para os que entoavam loas ao ocupante, jamais para os que ousavam contestá-lo. Luanda ainda tem poetas e prosadores que escrevem sobre ela, as angústias e alegrias do seu povo? Sim, felizmente, Manuel Rui, Ondjaki, Pepetela. Pouco mais. Se os houver, minhas desculpas pelo esquecimento.

Mas, são sempre poucos. Luanda precisa de mais poetas e prosadores de verdade. Que espalhem o amor que lhe é devido e a pode salvar de tanta aberração, esquartejamento, desrespeito, novo-riquismo, mau gosto. E também de quem os saibam ler.

É que, volta meia, dou comigo a pensar que houve quem tivesse lido o "Comboio Malandro", de António Jacinto, e tenha percebido exactamente ao contrário a mensagem dos contratados que fingiam apenas que empurravam. Na Angola independente não pode haver simulações. Todos somos poucos para ajudar o país a subir o morro íngreme do progresso.

Nilza Massango
jornal.luanda@edicoesnovoembro.co.ao

Várias embarcações artesanais atracadas à beira-mar, pescadores, vendedoras, zungueiras e escamadores, quase todos revoltados, bacias sem peixe e bancadas vazias. Clientes desesperados, polícias e fiscais atentos, num mercado superlotado e lamacento. Este foi o cenário que o *Luanda, Jornal Metropolitano*, constatou dois dias depois da proibição de venda de pescado na praia da Mabunda e na Salga, na Ilha do Cabo.

A venda de peixe a céu aberto na Mabunda e na Ilha do Cabo, oficialmente, acabou, assim como a descarga de pescado, que agora deve ser feita no Porto Pesqueiro da Boavista e no Centro de Apoio à Pesca Artesanal, na Ilha do Cabo. Está expressamente proibida a compra e a venda fora do mercado. As embarcações também estão inibidas de descarregar

anarquicamente. Na sexta-feira, 3, por volta das 10 horas da manhã, um ou outro vendedor e zungueiro ousavam comercializar peixe fora do mercado da Mabunda.

A origem do peixe estava nos "segredo dos deuses". "Tenho as minhas fontes", disse um jovem que vendia lambulas fresquinhas dentro de um balde. Os clientes apareceram aos montes, mas houve uns que não compraram o peixe, porque alegaram que no mercado custava sempre mais caro.

Diante da decisão do Ministério das Pescas e do Mar, algumas peixeiras da praia da Mabunda viram-se obrigadas a adquirir peixe aos agentes autorizados e a vender dentro do mercado. Outras limitaram-se em reclamar. Algumas, sentadas por cima das suas bacias sem peixe, lamentavam. Outras, tanto da Mabunda como da Ilha do Cabo, foram atrás do negócio no Porto Pesqueiro, fizeram confusão, mas não passaram do portão para

dentro. Ao recinto pesqueiro apenas têm acesso as pessoas autorizadas.

RAZÃO DA PROIBIÇÃO

A questão da prevenção contra a cólera que ameaça o distrito da Samba, e não só, esteve na base da proibição pelo Ministério das Pescas e do Mar. No princípio do mês de Julho, o mesmo distrito registou três casos de cólera, um na Camuxiba e dois no Povoado.

O lixo, desde algum tempo, tem sido uma ameaça constante à saúde dos moradores, vendedores e de quem se atrevia a comprar pescado ou frequentar a zona da Mabunda. Várias campanhas de limpeza foram realizadas naquela área.

Um mercado foi construído exactamente para

acabar com a praça que existia na Camuxiba e garantir melhores condições de higiene para se comercializar o pescado e assim, acabar com os amontoados de lixo na praia, resultado da venda naquele local.

O mercado da Mabunda revelou-se pequeno para o número de vendedores. Na sexta-feira passada, o mesmo estava muito cheio. Observamos que para entrar as pessoas faziam-no aos empurrões. A água utilizada para lavar o peixe nas bancadas deixa o mercado alagado e lamacento.

Notamos ainda vários focos de lixo na praia, mas nenhum contentor. Muitos vendedores recusam-se a abandonar a zona. Um desafio à ordem.



HONORATO FERNANDES DEMOLIÇÕES E COMPENSAÇÕES

“Muitos são os cidadãos que possuem documentação que certifica o cadastro para demolição das suas residências e aguardam por novas negociações. Num processo negocial tudo pode acontecer. Existe um certo descontentamento”.



CONSTRANGIMENTOS ÁGUAS ESTAGNADAS E MUITO CAPIM

A paralisação da empreitada trouxe consigo inúmeros constrangimentos para os moradores da área circunvizinha do traçado do BRT, que sempre que a ocasião permite manifestam o seu descontentamento.

TRÂNSITO RÁPIDO DE AUTOCARROS

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Obras continuam suspensas e sem data para reinício

Interrompidas há mais de dois anos, as obras de construção do novo sistema de Trânsito Rápido de Autocarros (BRT) continuam sem data para o reinício. A construção do projecto, aprovado em Conselho de Ministros, em 2012, e que prometia solucionar parte das dificuldades de mobilidade rodoviária na cidade de Luanda, estava a cargo da construtora brasileira Odebrecht.

Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Tecnicamente conhecido por BRT, “Bus Rapid Transit”, de acordo com a planificação do projecto, o terreno de influência do novo sistema de Trânsito Rápido de Autocarros, inclui o Estádio 11 de Novembro, Cidade Universitária e o Distrito Urbano da Estalagem, com benefícios directos às comunidades circunvizinhas dos bairros

Gamek, Cambamba, M’bondo Chapéu, Camama e Bem-Vindo.

Pouco tempo depois da sua aprovação, 2013 era apontado como a data para o arranque da fase experimental, conforme previsões da direcção do Instituto Nacional dos Transportes Rodoviários. Todavia, as obras iniciaram em Outubro de 2014 e, previa-se, à época, que em 2017 estivesse em pleno funcionamento.

Segundo apurou o *Luanda, Jornal Metropolitano*, o BRT seria implementado obedecendo o conceito ple-

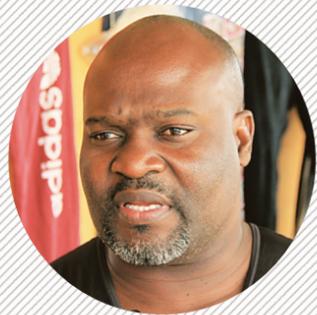
CONSTRUÇÃO FASEADA

Aprovado em Conselho de Ministros, em 2012, o BRT foi inicialmente apresentado como uma das soluções do problema da mobilidade rodoviária, na província de Luanda.

A primeira fase da empreitada foi adjudicada em 2014 e previa a sua execução em 24 meses. A segunda fase em 2015, e previa a sua execução no mesmo período de tempo. O projecto inserido no corredor Norte/Sul faz parte dos sete definidos pelo Plano Director Geral Metropolitano de Luanda (PDGML).

A concepção integral do BRT compreende três fases. O fase que sai do Estádio Nacional 11 de Novembro a Estalagem. Outra que sai do Estádio Nacional 11 de Novembro até a Avenida Pedro de Castro Van-Dúnem Loy. A terceira e última que sai da Avenida Pedro de Castro Van-Dúnem Loy até a estrada da Samba. Do conjunto da sua frota, o então ministro dos Transportes, Augusto Tomás, prometera 240 autocarros articulados, 50 biarticulados e cem alimentadores convencionais.

FM



**MARIANO CAQUEQUE
SITUAÇÃO
DESAGRADÁVEL**

As águas das chuvas provenientes do bairro Jacinto Tchipa confluem ao longo do traçado, acarretando o risco de epidemias. Quando chove, parte do acesso ao mercado da Estalagem fica completamente inundado”.



**CARLOS ROCHA
RETOMA DAS OBRAS**

“A linha de crédito não foi activa e as obras foram paralisadas até conseguir um novo financiamento. Foi um processo que decorreu com normalidade até a data da suspensão. Tão logo haja financiamento vamos retomar as obras”.

no de mobilidade urbana, sendo certo que seria integrado com os sistemas de transportes ferroviário e marítimo. O objectivo era criar, em Luanda, uma estrutura de elevada capacidade de transporte de alto padrão operacional.

As infra-estruturas, conforme consta do projecto, contemplariam, igualmente, dois corredores, sendo o primeiro, com 29 quilómetros, tida como a linha 1 e iria ligar à Vila do Gamek ao Estádio 11 de Novembro. Teria ainda três estações de interligação e 10 estações simples, nos bairros Cambamba, Camama, M'bondo Chapéu, Bem-Vindo e Nova Esperança.

A segunda linha, com 24 quilómetros, passaria pela Estalagem em direcção ao Estádio 11 de Novembro, percorrendo os bairros dos Molenos, Cambire, Wegi Maka, Bitá e Cidade Universitária.

Decorridos mais de dois anos desde a paralisação das obras, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, constatou que foram apenas construídos os pilares que suportariam os viadutos na rotunda do bairro Sapú, trabalhos de compactação do terreno e de terraplanagem. No percurso de mais de 12 quilómetros, é visível o abandono de separadores de betão, placas de sinalização e outros objectos que agora obstruem a via. Durante o período de vigência da empreitada, foram feitas demolições de várias residências no traçado e o respectivo realojamento dos moradores.

Contactado a propósito, uma fonte do Instituto Nacional dos Transportes Rodoviários, que falou sob anonimato, explicou que o Ministério da Construção e Obras Públicas ainda não determinou a data do reinício da empreitada. Além disso, acrescentou que o Instituto Nacional dos Transportes Rodoviários não tem muito para dizer sobre o assunto, enquanto o Ministério da Construção das Obras Públicas não se pronunciar. Garantiu, no entanto, que os modelos dos autocarros a serem utilizados no sistema BRT estão prontos, inclusive cinco já se encontram no país.

TRANSTORNOS INERENTES À PARALISAÇÃO DAS OBRAS

A paralisação da empreitada trouxe consigo inúmeros constrangimentos para os moradores da área circunvizinha do traçado do BRT, que sempre que a ocasião permite manifestam o seu descontentamento.

Aurélio Cardoso, que reside nas proximidades do bairro Sapú, conta que os terrenos desabitados tornaram-se lugares para prática de condução e depósito de lixo. A formação de águas estagnadas e o crescimento descontrolado de capim, que facilitam o surgimento de répteis, ratazanas e mosquitos engrossam as queixas dos moradores. Aurélio Cardoso lembrou que as demolições foram efectuadas

há três anos e, desde então, os espaços estão abandonados. Para agravar, sempre que chove ficam transformados em bacias de retenção de água.

“Quando chove, a zona fica alagada e praticamente interdita. Por isso, fui forçado a construir uma barreira para impedir a entrada de água no meu quintal”, disse.

Mariano Caqueque, morador na Estalagem, descreveu que por força das demolições de residências os moradores têm vivido situações desagradáveis, sobretudo no tempo chuvoso. Informou que o desespero se apossou da maioria e os contactos realizados junto da Administração Municipal de Viana para acudir a situação redundaram em fracasso.

“As águas das chuvas provenientes do bairro Jacinto Tchipa confluem ao longo do traçado, acarretando o risco de epidemias”, lamentou, acrescentando que quando chove parte do acesso ao mercado da Estalagem fica completamente inundado, impossibilitando a circulação de pessoas e viaturas.

DEMOLIÇÕES E NEGOCIAÇÕES

Com a aprovação do projecto e por força da sua localização geográfica, muitas casas foram demolidas nos bairros da Sapú e da Estalagem, e os seus proprietários realojados no projecto habitacional Zango, no município de Viana.

Honorato Fernandes, morador no Quilómetro 12, na Estalagem, disse que em alguns casos as negociações não foram pacíficas e muitos cidadãos não aceitaram que as casas fossem demolidas. Alegou que foram demolidas casas de grande valor e as compensações não foram justas.

“Muitos são os cidadãos que possuem documentação que certifica o cadastro para demolição das suas residências e aguardam por novas negociações. Num processo negocial tudo pode acontecer”, disse, acrescentando existir um certo descontentamento dos moradores. Ramos Pinto, proprietário de uma casa “presa” no traçado, mas que entretanto não foi demolida, referiu que até antes da paralisação das obras havia várias irregularidades e incumprimentos da parte do Governo. Declarou à título de exemplo, que os moradores desalojados, no bairro da Sapú, estão a ser prejudicados na atribuição de novas moradias por pessoas que nunca viveram no bairro.

“É do interesse do Ministério da Construção e Obras Públicas que o projecto possa ser retomado em 2019. Está inscrito no Programa de Investimentos de 2018.”

FINANCIAMENTO CONDICIONA AVANÇO

A FALTA DE FINANCIAMENTO está na base da paralisação da obras do BRT, afirmou o director Nacional de Infra-estruturas Públicas, afecto ao Ministério da Construção e Obras Públicas.

Carlos Rocha explicou que, inicialmente, previa-se o enquadramento e execução da empreitada com recurso a uma linha de financiamento externo do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social do Brasil (BNDES). No entanto, o financiamento foi suspenso na sequência da operação “Lava Jacto”, no Brasil, que envolve dirigentes e empresas brasileiras.

“A linha de crédito não foi activa e as obras foram paralisadas até se conseguir um novo financiamento”, disse.

Carlos Rocha afirmou que a empreitada está avaliada em 380 milhões de dólares, tendo esclarecido que o Executivo disponibilizou 15 por cento do acordo de financiamento, valor que foi aplicado no pagamento das indemnizações das pessoas cujas moradias foram demolidas e no realojamento das famílias abrangidas.

“Foi um processo que decorreu com norma-

lidade até a data da suspensão. Tão logo haja financiamento vamos retomar as obras”, garantiu.

Além de referir que projecto está dividido por fases, Carlos Rocha disse que a primeira fase do BRT contemplava a construção de estradas em paralelo com as estradas principais.

“Naqueles locais onde as linhas de BRT passam no meio nas laterais passam estradas para o trânsito normal, dependendo da chegada de uma estação ou da outra”, ressaltou.

Carlos Rocha informou que esforços têm sido feitos junto do Ministério das Finanças para o enquadramento do projecto a uma linha de financiamento interno. O interlocutor assegurou que é do interesse do seu pelouro que o projecto possa ser retomado em 2019, tendo adiantado que está inscrito no Programa de Investimentos Públicos de 2018. “O sistema de BRT são linhas exclusivamente dedicadas à circulação de autocarros e que vai trazer melhorias na mobilidade das pessoas e diminuir a pressão de viaturas na cidade” sustentou.

FM

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



ACORDO Diligências têm sido feitas junto das Finanças para o enquadramento do projecto

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



PROJECTO O BRT faz parte do corredor Norte/Sul definido pelo Plano Metropolitano da cidade



OSVALDO SACANANA TRANSPORTE ECONÓMICO E SEGURO

"Tenho preferência pelo comboio por ser um meio de transporte económico, seguro e rápido. As constantes avarias são um empecilho, mas podem ser recompensados pelo valor que pago: "60 Kwanzas para o trajecto diário. Quando isso não acontece, o recurso ao táxi surge como a última opção".



AVARIAS EXPRESSO É ALTERNATIVA

Quando surgem avarias nas locomotivas ou se esgotam os bilhetes no valor de 30 Kwanzas, a alternativa é o Comboio Expresso onde é cobrado entre 200 ou 500 Kwanzas pela viagem de ida e volta.

CAMINHO-DE-FERRO DE LUANDA



Viajar de comboio é barato, seguro e evita o stress

Apesar de enfrentar muitos constrangimentos que limitam a sua normal circulação, a qual se inclui o lixo colocado nos carris e a evasão da vedação ao longo da linha ferroviária, ainda assim, o Caminho de Ferro de Luanda (CFL) colhe a preferência de milhares de cidadãos. O baixo custo dos bilhetes e o trânsito fluído ditam a escolha.

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Osvaldo Sacanana, 28 anos, é um comerciante que de segunda a sexta-feira tem o comboio como seu meio de transporte predilecto. Morador no distrito urbano da Ingombota, conta que adquire hortaliças no mercado do Quilómetro 30 para revenda ao domicílio, na Baixa de Luanda.

Na manhã de quinta-feira, por volta das 7h30, quando a reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, o abordou aprestava-se a

entrar para o comboio estacionado na Estação do Bungo. O município de Viana era o destino.

O movimento na estação era de relativa acalmia. Para quem não anda frequentemente de comboio, a avaria dos painéis electrónicos de informação causava alguma preocupação, mas não constituía motivo para deixar os desavisados com o coração nas mãos. Mesmo porque grande parte dos passageiros sequer olhavam para os painéis e caminhavam sem preocupação para entrar nas carruagens. O destino, esse já todos o conheciam muito bem.

Pouco antes de entrar para a locomotiva, Osvaldo Sacanana afirmou que tem preferência pelo comboio por

HORÁRIO E MAU ATENDIMENTO

SEGUNDO APUROU o *Luanda, Jornal Metropolitano*, os serviços de comboio funcionam de segunda a sábado das cinco às 20 horas.

De segunda a sexta-feira, no sentido Bungo-Viana, os serviços dos comboios são mais procurados. O primeiro comboio parte às cinco horas e chega à Estação do Capalanga, por volta das 6h07.

Na mesma estação, às 7h50, parte outro comboio com destino à Vila de Catete. Em sentido oposto, a locomotiva que faz Viana-Bungo, parte da Estação do Capalanga às 6h20. Trinta minutos antes, na Estação de Viana, sai um comboio em direcção ao Bungo, com previsão de chegada às 7h27.

Apesar de elogiar as vantagens de andar de comboio, Manuel Salgueiro, 35 anos, não se cansou de criticar o mau atendimento que recebeu de uma funcionária da bilheteira que quase lhe fazia perder a viagem por falta de troco.

Visivelmente chateado, Manuel Salgueiro defendeu a necessidade dos empregadores apostarem mais na formação dos seus traba-

lhadores, sobretudo daqueles que diariamente trabalham com o público.

AR



ESTAÇÃO Bungo atende milhares de clientes



**SIMÃO FRANCISCO
CONDUTA INDECOROSA
DE ALGUNS PASSAGEIROS**

“Existem passageiros que não têm bom comportamento. Alguns viajam pendurados nas portas e outros recusam-se em pagar o bilhete e estão sempre aos empurrões. Peço à direcção do CFL, a melhorar o controlo de passageiros”.



**JULIETA NEVES
SATISFEITA
COM O TRANSPORTE**

“O comboio tem sido de grande ajuda, sobretudo para às populações de baixa renda que são obrigadas a pagar cinco mil Kwanzas pela mercadoria transportada por autocarro, enquanto que no comboio o preço mínimo é de 600 Kwanzas”.



DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

sou a usar o comboio e, em termos de gastos, não tem tido razões de queixas. O preço da mercadoria é cobrado na bilheteira por quilo.

Simão Francisco, morador do Distrito Urbano do N'gola Kiluanje, município de Luanda, é outro usuário do comboio. Funcionário de uma empresa, algures no quilómetro 25, em Viana, tem o comboio como alternativa para fugir do trânsito caótico de Luanda. Regra geral, faz o percurso em uma hora e meia.

Ele lamentou o comportamento de alguns passageiros. “Infelizmente, não têm bom comportamento. Alguns viajam pendurados nas portas e outros recusam-se em pagar o bilhete e estão sempre aos empurrões”, contou.

Simão Francisco solicitou, por isso, a direcção do CFL, a melhorar o controlo de passageiros e respeitar os horários de partida. Em sua opinião, é necessário aumentar o número de locomotivas para se evitar os constrangimentos.

Residente em Viana há mais de um ano, Julieta Neves elegeu o comboio como o seu principal meio de transporte: “É mais barato, seguro e evita stress”, afirmou.

A vendedora de bens alimentares na cidade explicou que apanha o comboio às 5h50. No regresso à casa, a preferência recai para o comboio que parte da Estação do Bungo, às 16h25.

“O comboio tem sido de grande ajuda, sobretudo para às populações de baixa renda que são obrigadas a pagar cinco mil Kwanzas pela mercadoria transportada por autocarro, enquanto que no comboio o preço mínimo é de 600 Kwanzas”, declarou.

Ao contrário dos demais, João Araújo, 32 anos, não disfarçava o receio de entrar pela primeira vez no comboio. Ele diz ter ouvido de várias pessoas que os comboios do CFL avariavam com muita frequência no trajecto.

Mas, por conta do compromisso que tinha e sem alternativas para contornar o trânsito que, nas últimas semanas se verifica na Avenida Deolinda Rodrigues, preferiu arriscar. “Espero que seja uma experiência positiva e que depois dessa viagem, possa andar mais vezes de comboio”, disse.

**LIXO NA LINHA
FÉRREA E “NEGOCIATAS”**

Os amontoados de lixo ao longo da linha, a vandalização das valas de drenagem e das redes de vedação que fazem a protecção do acesso as áreas de circulação do comboio, são cada vez mais visíveis.

Os aparelhos de ar condicionado funcionam, mas os televisores instalados no comboio estão avariados. A par do transporte de passageiros, as locomotivas do CFL fazem transporte de cargas. A procura é grande e muitas vezes o CFL não consegue responder a demanda.



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

COMPORTAMENTO Ao contrário dos passageiros desordeiros, outros preferem desfrutar da viagem

Em várias ocasiões, os seus responsáveis, sustentam alguns passageiros, manifestaram a intenção de adquirir mais locomotivas para responder a procura.

Seja como for, a viagem realizada pela equipa de reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, da Estação do Bungo até Catete, ficou marcada pela negativa, porque ao longo da viagem, constatamos que os revisores dificilmente fiscalizam os bilhetes, deixando indiciar alguma desorganização.

Na Estação de Catete, por exemplo, presenciamos passageiros a entrar para as carruagens sem bilhetes de viagem. Em alguns casos, “fintam” a bilheteira e negociam com os revisores.

Segundo alguns passageiros, esta é uma prática antiga. Muitos passageiros se tornaram “íntimos” dos revisores.

“A minha chegada à estação, um revisor fez-me o sinal para subir sem pagar o bilhete. Logo a seguir veio pedir-me o dinheiro”, denunciou uma das passageiras, que se recusou a identificar-se.

Um dos revisores mais antigo do CFL, que aceitou falar na condição de anonimato, disse que tem sido difícil lidar com os passageiros. “Mas com paciência e

dedicação tenho conseguido ultrapassar as dificuldades”, referiu, adiantando que agora encara as coisas com normalidade.

“Se assim não fosse, há muito teria desistido” disse o funcionário.

“Aqui aparecem clientes de todo o tipo e há sempre confusão no comboio. Temos visto passageiros que preferem viajar pendurados nas portas ao invés de pagar o bilhete e acomodar-se devidamente. Muitas vezes é necessário a intervenção da polícia para repor a ordem”, contou.

TRINTA MILHÕES DE KWANZAS MÊS

ATÉ FINAL DO PRIMEIRO trimestre de 2019, o Caminho-de-Ferro de Luanda prevê transportar 16 mil passageiros por dia, quando estiverem concluídas as obras de duplicação das linhas que decorrem actualmente, revelou recentemente, à imprensa, o presidente do conselho de administração da empresa, Júlio Bango Joaquim.

O gestor explicou que o CFL tem arrecadado mensalmente 30 milhões de Kwanzas, dos 285 milhões que precisa para suportar os custos operacionais.

Com a entrada em circulação das novas locomotivas e a utilização da segunda linha, os valores arrecadados podem aumentar.

“São várias as dificuldades que a empresa enfrenta. Existem no total 22 pontos críticos, que vão desde o lixo colocado nos carris, vandalização das valas de drenagem à evasão da vedação ao longo da linha férrea”, disse.

Júlio Bango Joaquim informou que estes constrangimentos limitam a circulação dos comboios. Para ajudar a colmatar os problemas

que o CFL enfrenta, Júlio Bango Joaquim informou que o ministro dos Transportes orientou a instituição a trabalhar em parceria com as administrações municipais e o governo de Luanda para que cada um “assuma as suas responsabilidades”.

AR

MOTA AMBRÓSIO | EDIÇÕES NOVEMBRO



GESTOR Problemas inquietam direcção do CFL

ser um meio de transporte económico, seguro e rápido. Aponta as constantes avarias como um empecilho, mas realça que esses constrangimentos podem ser reompensados pelo valor que paga: “60 Kwanzas para o trajecto diário de Viana a cidade e vice versa”, disse.

Quando surgem avarias nas locomotivas ou se esgotam os bilhetes de 30 Kwanzas, a alternativa é o comboio expresso onde os passageiros pagam 200 ou 500 Kwanzas por viagem de ida e volta. Quando isso não acontece, o recurso ao táxi surge como a última opção. De acordo com Osvaldo Sacana, gasta-se entre 500 e 600 Kwanzas por dia, para percorrer a mesma distância.

Até a pouco tempo, os taxis e miniautocarros eram as únicas opções para pessoas como Osvaldo Sacana. Os engarrafamentos e os gastos elevados eram, em sua opinião, os grandes constrangimentos por que tinha que passar.

Aconselhado por um familiar, pas-



DIÓGENES DE OLIVEIRA SALVAGUARDA DOS INTERESSES DOS CONSUMIDORES

"Cabe ao Estado angolano velar e salvaguardar os interesses económicos dos consumidores. O Executivo tem acompanhado este problema. O estabelecido por lei não é para ser usurpado, nem muito menos abandonado. O consumidor, só deve pagar, aquilo que consome".



PROPINAS MENSAIS MULTA PELOS ATRASOS

Em muitas creches da cidade de Luanda, o valor a pagar pelas propinas mensais variam de 35 mil a 50 mil Kwanzas. Geralmente, esta importância é paga de 1 a 10 de cada mês, caso contrário é aplicada uma multa pelo atraso, cujo valor varia de 30 a 50 por cento do pagamento global da mensalidade.

MULTAS EM CRECHES E COLÉGIOS

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Diógenes de Oliveira alerta para o "assalto ao bolso dos consumidores"

Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

É facto que os preços praticados pelos centros infantis e outras instituições de ensino privado contrastam, em muitos casos, com a qualidade dos serviços prestados ao público. Os pais e aos encarregados de educação frequentemente reclamam, mas não encontram entidade que lhes resolva o assunto em definitivo.

Por exemplo, em muitas creches da cidade de Luanda, o valor a pagar pelas propinas mensais variam de 35 mil a 50 mil Kwanzas. Geralmente, esta importância é paga de 1 a 10 de cada mês, caso contrário é aplicada uma multa pelo atraso, cujo valor varia de 30 a 50 por cento do pagamento global.

Algumas creches na Cidade do Kilamba, como o Centro Infantil Jardim das Orquídeas, depois da data estipulada para o pagamento da mensalidade, acresce a propina mais 3.500 Kwanzas que é o valor da multa. No Centro Infantil Pequenos Kambas, diariamente

te são acrescido 500 Kwanzas ao valor da multa e na Academia da Descoberta a multa diária é de sete mil Kwanzas.

O Presidente da Associação Angolana dos Direitos do Consumidor (AADIC), Diógenes de Oliveira, esclareceu em entrevista, ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, que a Lei 15/03 de 22 Julho, no seu artigo 17, nº 1, estabelece que as multas de mora decorrentes do incumprimento de obrigações não podem ser superiores a dois por cento do valor da prestação.

"Se o encarregado de educação paga 10 mil Kwanzas para uma prestação numa instituição de ensino que no seu contrato estabelece o pagamento de 25 a 30 de cada mês, caso ele não cumpra com o prazo estipulado, nos primeiros cinco dias, a estes valores são acrescidos um juro que não pode ser superior a 20, 30 ou 50 por cento. Dois por cento são os valores previstos na Lei de Defesa do Consumidor, no seu artigo 17", disse.

Diógenes de Oliveira frisou que estes excessos configuram uma prática abusiva da parte dos fornecedores.

O Presidente da Associação Angolana dos Direitos do Consumidor (AADIC), Diógenes de Oliveira, esclareceu em entrevista, ao Luanda, Jornal Metropolitano, que a Lei 15/03 de 22 Julho, no seu artigo 17, nº 1, estabelece que as multas de mora decorrentes do incumprimento de obrigações não podem ser superiores a dois por cento do valor da prestação.

"Cabe ao Estado angolano velar e salvaguardar os interesses económicos dos consumidores. O Executivo tem acompanhado este problema e conhece a sua realidade. O estabelecido por lei não é para ser usurpado, nem muito menos abandonado. O consumidor, só deve pagar, aquilo que consome", elucidou Diógenes de Oliveira.

O presidente da AADIC adiantou ainda que está errada esta forma de pagamento, nas instituições.

"Os consumidores não devem pagar de 1 a 10, ou seja pagar um mês com-

pleto porque não se consome os outros 20 dias. De forma correcta, os consumidores deviam pagar as propinas de 25 a 5 de cada mês. Depois, estudar o mês todo e voltar a pagar. Cabe ao fornecedor criar mecanismo de controlo, mas sem usurpar a Lei. Porque todos nós somos iguais perante a Lei, conforme estabelece a Constituição da República de Angola", referiu.

O presidente da AADIC esclarece aos clientes que é obrigação do Estado criar políticas para a protecção dos interesses do consumidor.

"Infelizmente, isso aqui não se faz sentir, tornando situação recorrente. Estes juros de mora que muitas instituições têm praticado são um absurdo. Um assalto ao bolso do consumidor", denunciou o jurista Diógenes de Oliveira.



ALGUNS MATERIAIS NUNCA SOMEM DA NATUREZA. DEITE SEU LIXO NOS CONTENTORES E AJUDE O TRABALHO DA ROTA.



MATERIAL	TEMPO NECESSÁRIO PARA DESAPARECER
Caroço de maçã	6 a 12 meses
Ponta de cigarro	1 a 2 anos
Pastilha	5 anos
Lata de aço	10 anos
Garrafa de plástico	100 anos
Garrafa de vidro	+ 1.000 anos
Lata de alumínio	Nunca desaparecem





AGRICULTURA MAIS TÉCNICOS INTERESSADOS

Em Luanda, especialmente, na sua cintura verde, praticam-se vários tipos de agricultura. Há muitas pessoas com interesse no sector. Uns com muita experiência e outros tantos sem conhecimento algum.



criação orgânica APOSTA NA QUALIDADE DA PRODUÇÃO NATURAL

"Normalmente, a utilização de agrotóxicos na agricultura dá muito pouco tempo de conservação ao produto, por este ter um período exacto para ser consumido ou comercializado. A qualidade é um factor fundamental".

Helma Reis

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Adérito Costa Engenheiro agrônomo explicou que, exemplo, o tomate é um fruto que precisa de 120 dias, isto deste o seu plantio até a colheita. Mas, que, nos dias de hoje, há quem, com o uso dos agrotóxicos colha o fruto em apenas 60 dias, 50 por cento do período estipulado por norma. "Os produtos que se desenvolvem a base de agrotóxicos não são saudáveis para a saúde humana por terem um período determinado de conservação", alerta.

Numa visita guiada à fazenda Dgil, propriedade de Adérito Costa, localizada no Distrito Urbano do Camama, a equipa do *Luanda, Jornal Metropolitano* constatou a dinâmica de produção diária e o rigor como as culturas são tratadas. Tubérculos, hortaliças e frutas crescem naturalmente. "Agricultura é orgânica", garante-nos o mentor do projecto.

De acordo com o agrônomo, a utilização dos agrotóxicos dá muito pouco tempo de conservação ao produto, porque o mesmo apresenta um período exacto para ser consumido ou mesmo comercializado, caso contrário as bactérias que se encontram no fertilizante químico, acabam por devorar a fruta até estragá-la.

Em contrapartida, a produção orgânica, que consiste numa agricultura mais natural, exclui a utilização de produtos industrializados e agressivos como agrotóxicos, pesticidas e insecticidas. "Estes prejuízos começam a ser visíveis 10, 15 anos depois da utilização constante de produtos contaminados, causando assim uma baixa significativa do sistema imunológico, tornando-se uma porta aberta para contrair qualquer patologia", esclarece.

Segundo o especialista, a indústria alimentar também está a guiar-se por essas práticas. Na pressa de produzir grandes quantidades e ter lucro fácil, entram na produção de alimentos feitos com papéis, plásticos. Os alimentos não são naturais porque o dono projectou ganhar mais e gastar menos.

Há claramente uma fuga deliberada à produção natural. "A agricultura orgânica dá trabalho e muitas despesas. Estes encargos têm a ver com o trabalho humano, material e com os cuidados para conseguir contrapor qualquer contrariedade que venha a surgir neste tipo de produção. Já para quem usa os agrotóxicos os gastos são diminutos", sublinha.

TÉCNICOS AGRÍCOLAS CAPACITADOS

Em Luanda, especialmente, na sua cintura verde, praticam-se vários tipos de agricultura. Consta-se que ac-

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



Lucro imediato conduz a práticas pouco saudáveis

A pressa na colheita de produtos agrícolas tem levado muitos agricultores a optar por práticas menos saudáveis. Embora a qualidade seja um factor fundamental no processo de produção, nem sempre é devidamente levada em consideração por alguns agricultores. Lamentavelmente, o lucro acaba por prevalecer em detrimento do bem-estar do consumidor final.



PITAYA FRUTA DA MODA

“Até então estranha à nossa cultura alimentar, a pitaya é uma fruta que começa a ser cada vez mais conhecida pelos angolanos. O seu consumo é benéfico para prevenção de problemas associados aos diabetes, hipertensão e ao cancro do cólon do útero”.



PRÁTICAS AGRÍCOLAS POPULAÇÃO ESTÁ ALERTA

O consumidor luandense parece mais atento e selectivo no momento de escolha. É frequente vê-los a exigir produtos de qualidade nas feiras e lojas que existem um pouco por toda cidade. A qualidade tem sido um factor fundamental para facilitar o escoamento da produção, não exige esforço para a venda.

tualmente há muitas pessoas interessadas na área. Uns com experiência e outros sem conhecimento. Em todo caso, muitos são os que têm a intenção de investir na agricultura que contratam estrangeiros, por desconhecem que em Angola existem técnicos capacitados.

“Grande parte dessas pessoas não têm qualquer domínio sobre a condição dos nossos solos e da situação climática, porque a intensidade solar que recebe a comuna de Caxito não é a mesma que recebe Luanda e outras zonas. A variação solar que Luanda apresenta leva-nos, muitas vezes, a fazer a agricultura em estufas para reduzir a radiação solar que vai integrar a produção”, explica Adérito Costa.

O agrónomo refere que Luanda tornou-se, em grande escala, uma cidade sem arboricultura, o que faz dela 100 por cento quente. “As árvores que têm não cobrem a demanda”.

De acordo com o agrônomo, já existem laboratórios de análises dos solos, principalmente para as pessoas que pretendam fazer uma produção alargada. “Têm de testar o solo e assim evitar prejuízos para o investidor. As propriedades do solo nos municípios de Luanda, onde se pratica a agricultura, diferenciam-se umas das outras. A variação do PH da terra varia entre 6,8, até 7,5”, ensina.

As áreas de municípios, como Belas, Viana, Cacucaco, de acordo com o agrónomo, têm uma agricultura que, as vezes, é pouco rentável porque exige uma série de cuidados e atenção da parte dos proprietários destas terras. “A nossa agricultura hoje está a sofrer uma certa variação. Anteriormente era essencialmente orgânica o que já não se verifica hoje. Por outro lado, o Estado é que sustenta a agricultura, quando não devia ser. Porque ele dá aquilo que lhe ocorre e não o que o agricultor precisa de facto”, sublinha Adérito Costa.

O especialista detalhou que estas são algumas contrariedades que surgem em relação as cooperativas agrícolas que sobrevivem com o apoio do Ministério da Agricultura, “esta sustentabilidade se reflecte em componentes vindo de outros países para experiências de solos deteriorados e são obrigados a fazer uso destes produtos”, lamenta.

MUDANÇA DE POLÍTICAS

“O Estado tem que mudar as políticas que o Ministério da Agricultura adoptou e procurar juntar-se às pessoas conhecedoras da matéria e que exercem a actividade diariamente. É importante que se olhe para as experiências do passado em que havia uma série de empresas como os supermercados Zamba 1, Zamba 2, Panga-Panga, Frescangol e outros que davam sustentabilidade. Não havia escassez agrícola. Era-

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



AGRICULTURA Produção exige conhecimento e paciência

mos auto sustentáveis”, recorda o Agrônomo.

Para Adérito Costa, o agricultor não pode depender do Estado porque vai estar limitado, uma vez que todos os dias a agricultura apresenta-se com uma inovação, factores que ultrapassam a capacidade económica dos produtores.

QUALIDADE VERSUS EXIGÊNCIA

Alertado pelas más práticas agrícolas, o consumidor luandense parece mais atento e selectivo. É frequente

vê-lo a exigir produtos de qualidade nas feiras livres e lojas para o efeito que existem um pouco por toda cidade. Inspecionam com os olhos e as mãos as frutas, verduras e legumes. Geralmente escolhem os com melhor aspecto e maior tamanho. “É preciso que o produtor agrícola entenda o comportamento do consumidor e procure sempre que as suas exigências sejam atendidas. A qualidade é um factor fundamental para o sucesso da comercializa-

ção. Isso facilita e muito o escoamento da produção, não exige esforço para a venda...”, sublinhou.

Fazendo uma análise como agricultor e agrónomo, Adérito Costa define a qualidade de um produto bom para o consumo humano como àquele que se apresente “limpo ou livre de impurezas, sem mistura, sem contaminações por bactérias e fungos. Sem alterações ou adulteração, sem excesso de agrotóxico residual, de boa aparência e atraente. Bom paladar, bom cheiro e, sobretudo, um produto desejado pelo consumidor”.

A qualidade pode ainda estar relaciona-

Para o agrónomo, o agricultor não pode depender do Estado porque vai estar limitado. Todos os dias a agricultura apresenta-se com inovações e factores que ultrapassam a capacidade económica dos produtores.

da com outros aspectos da comercialização, como a rapidez na entrega do produto e durabilidade. “A tarefa de comercializar produtos agrícolas exige muito conhecimento, muita dedicação dos produtores e muita ousadia”, arrematou Adérito Costa.

UM AGRICULTOR COMPROMETIDO COM A TERRA

Adérito Costa é formado em Agronomia. Num esforço individual criou a sua fazenda Dgil, situada no Camama, município de Belas. Diariamente, a partir das cinco horas da manhã, está disposto a pôr a mão na terra que é a sua paixão.

Com cerca de 150 funcionários sob sua responsabilidade, Adérito Costa não se limita a observar, toma conta do seu negócio participando de cada plantação que é feita desde as hortaliças, os tubérculos e as frutas.

O agrónomo dedica-se também a suinicultura, a aquicultura e a venda de ovos e outros produtos comercializados no local de cultivo. A fazenda Dgil existe há mais de 10 anos e segundo o agrónomo a agricultura nela praticada é totalmente orgânica. “Eu criei este projecto com base naquilo que são as necessidades reais da minha actividade”, contou.



A FRUTA QUE PREVINE DOENÇAS

A pitaya, uma fruta até então estranha à nossa cultura alimentar, também já é cultivada na fazenda Dgil.

É uma fruta de épocas, do princípio e do fim do ano. Ainda é pouco usada pelos cidadãos. Segundo Adérito Costa, a pitaya é uma excelente fonte de antioxidantes, que ajudam a neutralizar a formação de radicais livres no organismo.

“A pitaya é uma fruta tailandesa, possui uma grande quantidade de fibras que pode ajudar a estabilizar os níveis de açúcar no sangue. O consumo regular desta fruta pode ser benéfico para prevenção de problemas associados aos diabetes e a hipertensão. Previne o cancro do cólon do útero e neutraliza as substâncias tóxicas no organismo”, sublinhou o agrónomo.

Adérito Costa que produz e comercializa a referida fruta há dez anos refere que a mesma “é uma fruta cara porque tem propriedades medicinais e terapêuticas com efeitos rápidos, em um ou dois meses”, garantiu.

Além da pitaya, o agrónomo também fez referência ao mangustão. Uma fruta de origem asiática que contém mais de 40 componentes nutricionais activos, chamados xantonas que são antioxidantes. “Ingeridos, trazem inúmeros benefícios à saúde”, explicou Adérito Costa, adiantando que a sua fazenda ainda não o produz.

“A indústria alimentar também está a guiar-se nestas práticas. Na pressa de produzir grandes quantidades e ter lucro fácil, entram na produção de alimentos feitos com papéis, plásticos. Os alimentos não são naturais, porque o dono projectou ganhar mais e gastar menos”

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464



JOÃO PEDRO BUNZE
“SAUDADES DO ANTIGAMENTE”

“As empresas que tratam da recolha do lixo já não trabalham como antigamente e até mesmo a baixa de Luanda sofre com o problema. Sou de opinião que devem ser definidas regras que melhor satisfaçam os munícipes e os prestadores do serviço. Só com o contributo de todos podemos melhorar”.



ANÂNCIA FRANCISCO
“POUCA VONTADE NO TRABALHO”

“Em diversas ocasiões, notei que os funcionários das operadoras de limpeza manifestam pouca vontade no trabalho. Em algumas situações, furtam-se a recolher o lixo com o empenho que é exigido. Penso que o horário também não contribui para que se faça um trabalho de qualidade”.

LIXO NA PERIFERIA

DOMBELE BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Recolha tem sido um problema de difícil solução



HÁ ANOS QUE LUANDA vem experimentando sucessivos modelos de recolha de lixo, particularmente, nos bairros da periferia, no âmbito da melhoria do sistema de limpeza e saneamento básico da província. Em síntese, esses programas visavam acabar com os grandes focos de lixo, os principais causadores de doenças. A verdade porém, é que decorridos mais de dez anos, milhões de dólares americanos foram gastos, mas a situação se mantém inalterável.

Numa ronda pela periferia de Luanda, foi possível verificar que os níveis de produção de resíduos sólidos crescem e a capacidade de resposta das operadoras nem sempre corresponde a demanda. Em determinados bairros, os amontoados de lixo são uma realidade, contribuindo para o aumento de casos de cólera e de malária. Por exiguidade de meios e dificuldade no acesso, alega-se que a prestação das principais operadoras de limpeza e recolha de

lixo incide apenas nas principais vias, a fiscalização é fraca e o número de contentores insuficientes.

Os carros que recolhem o lixo, segundo os munícipes, apresentam-se quase sempre sujos e, muitas vezes, a recolha é feita nos horários de ponta, criando transtornos ao trânsito, o que leva a concluir que se está diante de um problema de difícil solução. Por outro lado, reiteradas vezes, as autoridades provinciais tem solicitado maior

atitude, rigor e fiscalização dos responsáveis das administrações municipais, distritais e comunais, na limpeza e saneamento. Igualmente, têm apelado que é preciso mais educação no que toca ao tratamento dos resíduos sólidos.

Para melhor compreensão do que pensam os munícipes em relação ao assunto, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, esteve na rua e traz a público o essencial do depoimento dos visados.

FOTOS | VIGAS DA PURIFICAÇÃO



Jónatas João
“Deve ser melhorada”

“Algumas empresas têm feito um bom trabalho, mas existem aspectos que precisam de ser melhorados. A recolha do lixo nos contentores não tem sido feita em tempo oportuno, o que faz com que muitos moradores deitem o lixo no chão”.



Dias Daniel
“Horários adequados”

“A recolha de resíduos precisa de uma adequação aos horários para evitar os incómodos que causam aos automobilistas. Além de palestras para mudança de postura, acho fundamental o fomento de campanhas de limpeza nos bairros”.



Wete Miguel
“Trabalhar com dinamismo”

“Tenho estado a gostar da maneira como tem sido feita a recolha do lixo. Espero que continuem a trabalhar com dinamismo porque, anteriormente, havia muitos resíduos sólidos espalhados em Luanda. A sujidade diminuiu”.



Adelaide dos Santos
“Mais empresas”

“A recolha do lixo tem sido um problema sério e de difícil solução. No período nocturno, a iluminação não ajuda. O processo deve contar com a participação de mais empresas de limpeza e, por outro lado, o Governo devia cobrar mais das operadoras de limpeza”.



João Alfredo
“Fiscalização actuante”

“Precisamos de ter uma fiscalização actuante, contentores adequados e suficientes. Além da fiscalização, acredito que é tudo uma questão de educação e as escolas têm a obrigação de passar informação às nossas crianças de como deve ser tratado o lixo”.



HUMANIZAÇÃO TÉCNICOS DE SAÚDE JÁ TIVERAM DIAS PIORES

O pressuposto humanização não se atinge isoladamente. Por esta razão e sobretudo com a política de humanização que o Ministério da Saúde vem implementando, a direcção do Hospital Pediátrico David Bernardino deseja ampliar a área de serviço.



HERMENEGILDO DE CASTRO REGISTOS DE AGRESSÕES

"Já tivemos sinais de desumanização, em que profissionais de laboratório agrediram um paciente. Esta reclamação foi apresentada ao Gabinete do Utente que de imediato deu a conhecer a direcção do hospital para o devido tratamento".

HUMANIZAÇÃO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

MIQUEIAS MACHANGONGO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Rosalina Mateta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A calma aparente que Juliana Matias notou a uma hora da madrugada, de um dia que já não se recorda, foi quebrada pela algazarra que uma mãe fazia na zona de espera do serviço de urgências do Hospital Pediátrico David Bernardino (HPDB). Uma mulher a exalar álcool exigia que seu filho fosse atendido naquele serviço, mesmo depois do pessoal da triagem lhe esclarecer que o menor devia ser observado na área de ortopedia de outra unidade hospitalar.

Juliana Matias estava ali, porque sua filha de três anos desatou a chorar queixando-se de dor no ouvido. Depois de uma breve espera, foram logo chamadas ao consultório. A médica de banco, logo questionou sobre o mal que acometia a menina, ao mesmo tempo que, apenas com o olhar, exclamou: "esta criança assim, o que é que tem?..paciente assim não é para ser visto no Banco de Urgências...", contou a mãe.

Ante o quadro traçado por Juliana, a médica, sem muita convicção, resolveu observar a menina. Na tentativa de inspecionar-lhe a boca, deu conta que não tinha espátulas. Estava a família Matias diante do primeiro obstáculo. O embaraço da doutora em serviço só foi quebrado quando uma colega lhe ce-deu o instrumento necessário.

Depois de analisar a língua e a garganta da pequena paciente, a médica balbuciou: "tem razão, está com as amígdalas avermelhadas...estão alteradas, por isso lhe dói o ouvido", concluiu sem qualquer pedido de desculpa pelo diagnóstico precipitado.

Na posse da receita médica, Juliana, a criança e a filha mais velha que a acompanhava experimentaram outro obstáculo; procurar por farmácias abertas aquelas horas e achar os medicamentos indicados. Mesmo temendo a insegurança da cidade andaram à "caça" dos medicamentos até que os encontraram. Como ela estava um marido que desesperadamente procurava por fios de sutura. Pediram-lhe na maternidade Augusto Ngangula, onde a mulher aguardava por uma cesariana. Aquela era a segunda noite que Joel, jovem e trabalhador, passaria à porta daquele centro materno-infantil. Para fugir das picadas dos mosquitos valia-lhe o seu carro, onde dormia.

Juliana pensou então que as contrariedades daquela madrugada em nada se comparavam com os percalços vividos por Joel. Embora, num e noutro caso eram visíveis os "sinais de desumanização no atendimento nos hospitais em outros serviços. Não se respeita a vida alheia...", desabafou.

Perguntamos a Hermenegildo de Castro, chefe do Gabinete Social do Hospital Pediátrico David Bernardino

Conceito "desumanizado" pelo atendimento nos hospitais de Luanda

É dever dos técnicos de saúde cuidar dos pacientes, numa altura em que a humanização nos serviços de saúde na cidade capital é tão questionada.



MANUELA MENDES RECURSO ÀS CESARIANAS É NECESSÁRIO

A maternidade não está a fazer todas as cesarianas que devia. “Nós estamos a fazer as necessárias. Ainda temos uma taxa de mortalidade considerável por causa das pessoas que pensam que nas maternidades só se fazem cesarianas”, esclareceu.



MELHOR SERVIÇO PROFISSIONAIS MAIS ACOLHEDORES

“Já vemos profissionais que riem com o paciente sem que esforcem o sorriso. Isto ajuda a diminuir a dor do paciente. Hoje, o serviço de atendimento já presta melhor apoio aos utentes, dando garantia de que ele deve ser atendido nos vários serviços”.

(HPDB), as razões que levam a faltar com o dever de cuidar os pacientes, numa altura em que a humanização nos serviços de saúde na cidade capital é tão questionada. “Factores como a demanda de pacientes superior ao número de médicos e técnicos de saúde, bem como a capacidade a limitada capacidade de internamento, influenciam negativamente na aplicação prática do conceito humanização dos serviços de saúde”, justificou

O chefe do Gabinete Social do (HPDB) observou que o corpo médico, as vezes, regista quebra física. “As estatísticas indicam que por dia são atendidos 400 a 500 crianças no Banco de Urgência, onde temos menos de 10 médicos e um número reduzido de técnicos de enfermagem”, explicou.

ESTRATÉGIA DE HUMANIZAÇÃO

De acordo com o Assistente Social, várias estratégias para humanizar o atendimento naquela unidade hospitalar estão a ser implementadas. O gabinete do utente e a formação contínua do pessoal, são considerados pontos chaves para o (HPDB) venha alcançar este objectivo. “A humanização nos serviços de saúde é um processo contínuo”, considerou Hermenegildo de Castro que admite que, nos anos anteriores “tivemos momentos piores. Vivemos situações em que o profissional vinha ao hospital apenas fazer o seu trabalho, sem se importar com o doente”.

“Já tivemos sinais de desumanização, em que profissionais de laboratório agrediram um paciente. Esta reclamação foi apresentada ao Gabinete do Utente que de imediato deu a conhecer a direcção do hospital para o devido tratamento. Portanto, nós temos reclamações que são logo atendidas e outras que carecem precisam de ser analisadas para se averiguar a razão de uma dada situação... Algumas situações poderão ser encaminhadas para o gabinete jurídico do hospital que as analisa de acordo com a legislação referente à Administração Pública existentes no país.

Entretanto, já foram apresentadas queixas de agressões físicas contra profissionais de saúde. Mas, actualmente, “a meta que a direcção do hospital pediátrico orienta é de desumanização zero”, garantiu Hermenegildo de Castro.

O pressuposto humanização não se atinge isoladamente. Por esta razão e sobretudo com a política de humanização que o Ministério da Saúde vem implementando, a direcção do Hospital Pediátrico David Bernardino deseja ampliar a área de serviços, aumento do número de camas e de profissionais. “Quanto mais profissionais tiver o hospital, melhor atendimento vão prestar, porque diminuirá a pressão. Uma das barreiras do

MELHORIAS NO ATENDIMENTO NA MATERNIDADE LUCRÉCIA PAÍM NÃO FREIAM RECLAMAÇÕES

QUANDO A QUESTÃO É HUMANIZAÇÃO dos serviços de saúde, a Maternidade Lucrécia Paim lidera pela negativa. São muitas reclamações. Sobre esta unidade de saúde muitos luandenses têm histórias da vida real para contar. A maior parte delas tristes, embora nem sempre trágicas. Martins da Graça vivenciou episódios que, felizmente culminaram com o nascimento de uma menina que sobreviveu a complicações posteriores ao parto.

Tudo começou com o internamento, há dois meses, de Maria do Rosário da Graça, esposa de Martins. Já no fim da gestação teve hipertensão arterial. O diagnóstico já era de pré-eclampsia. O paludismo agravou ainda mais o quadro. Ao marido foi comunicado que uma cesariana de urgência seria feita para que mãe e feto não corresse o risco de morrer. “No dia seguinte quando lá cheguei, fui informado que ela não tinha sido operada e que também já não estava no bloco operatório”, contou o marido.

Preocupado, Martins, mesmo de manhã, chegou ao andar em que se encontrava a mulher para inteirar-se sobre o sucedido. “Não consegui perceber nada do que me explicaram. Apenas entendi que ela voltaria para o bloco...” disse.

Na tarde do mesmo dia, Martins e familiares de sua esposa, que ali passaram noites ao frio, receberam a boa notícia do nascimento da Catarina. “Mas, por outras complicações (desconfio que a demora foi uma delas) a menina e a mãe tiveram de ficar lá mais uns dias”, adiantou.

No fim de três dias, a mãe teve alta, mas a criança permaneceu hospitalizada com paludismo. “Fiquei muito preocupado. Se a mãe já tinha dividido a cama com alguém, como estavam a tratar a minha filhota?”, questionou-se receoso. Ao fim de mais duas noites Catarina da Graça foi conhecer a sua casa.

Na altura da entrevista, Martins ainda estava visivelmente chateado por tudo que sua família passou na maternidade Lucrécia Paim. “Os pedidos para compra de medicamento ou de qualquer material gastável vinham lá de dentro... As minhas cunhadas dormiam ali na zona verde. Mas, tinham que estar sempre atentas à chamada do nome da paciente. Como se não bastasse o carro da Polícia fazia rondas ao local. Mas, há quem quer dormir na rua?”, questionou.

DIRECÇÃO ATRIBUI RESPONSABILIDADE À POLÍCIA

O amontoado de gente no passeio contrário ao da maternidade Lucrécia Paim ou o facto de pessoas dormirem nos jardins não é da responsabilidade da direcção. “Isto é um problema de ordem pública. A maternidade não tem nada a ver com as pessoas que se acumulam na via pública, este é um problema de Polícia... nós temos é que proteger a maternidade, tal como as pessoas fazem com as suas casas... Apesar desta ser a casa de todos nós, não permitimos que as pessoas durmam no seu quintal e façam as necessidades fisiológicas ao longo dele”, argumentou peremptória Manuela Mendes, a directora da unidade hospitalar.

MUDANÇAS ATESTADAS

A especialista em Genecologia e Obstetrícia que dirige há cerca de três meses a Maternidade Lucrécia Paim garante que, para fazer visitas, “todo o acompanhante que for credenciado terá autorização para subir e visitar o seu familiar e deixar o que for necessário para a paciente”, esclareceu.

Ao tempo que dura o seu consulado, a médica congratula-se com o facto de ter reduzido o número de cesarianas que era superior a 40

por dia. A contratação de pessoal extra maternidade e o pagamento de horas extraordinárias do pessoal interno foi o trunfo para o sucesso da empreitada. Questionada sobre ao elevado número de cesarianas, Manuela Mendes respondeu que a maternidade não está a fazer todas as cesarianas que devia. “Nós estamos a fazer as necessárias. Ainda temos uma taxa de mortalidade considerável por causa das pessoas que pensam que nas maternidades só se fazem cesarianas”, lamentou.

De todo o modo, o ideal seria que os partos fossem os normais, isto é por via baixa. Por isso mesmo Manuela Mendes chamou à atenção para o quadro de eclampsia que é a segunda causa de morte materna em Angola.

Professora da Universidade Agostinho Neto há mais ou menos 30 anos, Manuela Mendes tem autoridade suficiente para fazer um diagnóstico sobre a saúde reprodutiva da mulher. Em relação a causa de mortes maternas, a especialistas aponta o dedo às próprias gestantes que, nuns casos negligenciam as consultas e os sinais de hipertensão arterial. Noutros casos tentam fazer os partos em casa, recorrendo às maternidades quando a situação se complica ao ponto de romper o útero, o que, geralmente, é fatal para a parturiente.

Em relação às queixas das mulheres pacientes e de seus familiares, Manuela Mendes escusa-se em falar sobre um tratamento que descambe para desumanização, por considerar “irreal” o argumento. “Nem se pode falar em desumanização, principalmente nos serviços médicos. Somos humanos...”, defendeu.

Enquanto médicos e outras entidades teorizam sobre o conceito humanização, o que nos foi dado a ver, e o que seres humanos que dormem ao relento, à porta dos hospitais nos relataram, dá uma definição contrária. Dêem-lhe o nome que melhor entenderem, mas, o que é facto é que passa muito à beira daquilo que o senso comum considera desumano. Que o digam os familiares dos doentes internados em qualquer hospital público de Luanda.

RM

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



LUCRÉCIA PAÍM Familiares de doentes passam dias no lado de fora

processo de humanização é a insuficiência de recursos humanos.

A população que vem de fora tem a percepção de que o hospital tem muitos profissionais e entendem que quando um paciente demora mais de uma ou duas horas é porque não estamos a atender. Mas, felizmente este hospital não pára e presta atendimento de forma gratuita. Aos nossos profissionais foi inculcado o espírito de “ não gasosa”. Qualquer

comportamento contrário, os utentes devem denunciar”.

O projecto humanização zero prossegue. “Já vemos profissionais que riem com o paciente sem que esforcem o sorriso. Isto ajuda a diminuir dor do paciente. Hoje o serviço de atendimento já presta melhor apoio aos utentes, dando garantia de que ele deva ser atendido nos vários serviços do hospital. Muito diferente do que acontecia anteriormente”, considerou.

JOÃO GOMES | EDIÇÕES NOVEMBRO



PEDIATRIA Humanização dos serviços é um processo contínuo



ANTÓNIO DE OLIVEIRA CRIMINALIDADE REDUZIDA

"O patrulhamento aumentou e os jovens começaram a ganhar consciência de que devem trabalhar para o desenvolvimento da comunidade e a unidade das Forças Armadas Angolanas na Fortaleza também reforçaram a segurança dos moradores."



SANEAMENTO BÁSICO QUEIXA DOS MORADORES SÃO UMA CONSTANTE

Os moradores do bairro Paz, antigamente conhecido como bairro da Sonangol, queixam-se da falta de saneamento básico, cortes de energia e água e da degradação das vias secundárias e terciárias, devido ao lençol de água que lá existe.

CRIMINALIDADE

Morro do bairro Paz é local de "desova" de cadáveres

O bairro Paz localiza-se entre a Fortaleza do São Pedro da Barra, Farol das Lagostas e a Fábrica de Enchimento de Gás Butano. Antigamente era conhecido como bairro Sonangol, devido a proximidade com a fábrica

João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Incrustado no morro do São Pedro da Barra, Distrito Urbano do N'gola Kiluanje, município de Luanda, o bairro Paz tem sido utilizado por marginais como local de "desova" de corpos de pessoas assassinadas em outras zonas da cidade de Luanda. Os moradores denunciam que os cadáveres são lançados do alto da montanha para o mar "para dar a entender que se tratou de um suicídio".

O bairro Paz localiza-se entre a Fortaleza do São Pedro da Barra, Farol das Lagostas e a Fábrica de Enchimento de Gás Butano. Antigamente era conhe-

cido como bairro Sonangol, devido a proximidade à fábrica.

"Várias vezes, daqui do alto, deparamos-nos com cadáveres a flutuar no mar e comunicamos às autoridades. As vítimas são assassinadas noutras zonas e abandonadas aqui. Em 2016, foram encontrados dois corpos irreconhecíveis devido a queda", afirma António de Oliveira, residente no bairro desde 1993.

A ânsia por uma habitação levou muitas pessoas, principalmente aquelas que foram obrigadas a abandonar as suas zonas de origem devido o conflito armado que assolou o país, a construir em zonas de risco em Luanda. O bairro Paz foi um dos morros escolhidos e os resultados das construções

anárquicas são visíveis a olho nu, com o desabamento de casas em época de chuva e a morte de dezenas de pessoas. "Por estes motivos, temos muitas casa abandonadas e isso atrai os marginais, que de tempo em tempo veem aqui deixar as suas vítimas, lançando-as para baixo", disse António Oliveira.

Lando Kiala, outro morador, lembra o caso do pescador encontrado morto na praia, por um grupo de jovens que geralmente realizar piqueniques no local. "No decorrer das averiguações, o Serviço de Investigação Criminal descobriu que o pescador foi assassinado no Farol das Lagostas por um outro pescador, actualmente preso na Comarca de Viana", disse.

"Segundo os dados do Censo Geral da População e Habitação, realizado em 2014, o bairro Paz possui mais de 33 mil habitantes. Já teve um elevado índice de criminalidade, reduzida nos últimos anos com o reforço do patrulhamento pela polícia. Os jovens começaram a ganhar consciência de que devem trabalhar para o desenvolvimento da comunidade."



ESTABELECIMENTO DE ENSINO ESCOLA SÃO PEDRO

A capacidade da rede escolar pública no bairro não responde às necessidades actuais, o número de salas de aulas deixa os encarregados de educação preocupados onde alguns são obrigados a colocar os filhos em escolas privadas.



CASTRO E VIVALDO MORADORES DO BAIRRO

Os jovens explicam que as crianças estão proibidas de se aproximar da encosta para evitar incidentes. Mas há sempre aquelas crianças que, quando damos conta, já estão a brincar perto da zona de risco, o que temos feito é redobrar a vigilância.

Apesar de alguma intranquilidade que se vive no bairro Paz, Kiala considera que a situação de segurança melhorou devido a presença de efectivos das Forças Armadas Angolanas, destacados na Fortaleza do São Pedro da Barra, e da Guarda Fronteiras, que fazem o patrulhamento das praias para evitar a imigração ilegal, principalmente de pessoas proveniente da República Democrática do Congo.

Júlia Martins, que não aceitou ser fotografada, contou como foi o resgate de uma jovem que escolheu o morro para se suicidar. Ela tem perturbações mentais e é acusada de feitiçaria pela família. "Isso agora virou moda. As pessoas são atiradas ou atiram-se do morro para baixo. Uma jovem, com problemas mentais, já tentou se suicidar duas vezes. Os bombeiros tiveram que intervir para evitar males maiores", disse, enfatizando que os moradores do bairro agora ficam atentos para impedir a de chegar à encosta.

O PRECIPÍCIO

"Não gosto de viver aqui", declara Castro Valente, o jovem que disponibilizou-se em ser o nosso guia e nos mostrar o precipício. Com agilidade, ele desce sem medo o terreno inclinado e difícil para o trabalho do nosso repórter fotográfico que pretendia tirar uma boa foto das pedras que caíram com um deslizamento de terra e das casas no limite da encosta.

Já o seu amigo Vivaldo Virgílio tem opinião diferente. Afirma que se dependesse dele nunca trocaria de bairro. "Gosto de cá viver. Além da praia, às noites tenho o privilégio de ver os navios atracados com as luzes acesas e a Ilha de Luanda. É algo que é bom de se ver e não de contar", revela o jovem.

Castro e Vivaldo explicam que as crianças estão proibidas de se aproximar da encosta para evitar incidentes. "Mas há sempre aquelas crianças que, quando damos conta, já estão a brincar perto da encosta", contam.

O presidente da comissão de moradores, Manuel Zinga, revela que, segundo os dados do Censo Geral da População e Habitação, realizado em 2014, o bairro Paz possui mais de 33 mil habitantes.

Ele reconhece que o bairro já teve um elevado índice de criminalidade, reduzida nos últimos anos com o reforço do patrulhamento pela Polícia Nacional. "O patrulhamento aumentou e os jovens começaram a ganhar consciência de que devem trabalhar para o desenvolvimento da comunidade", frisou, acrescentando que as Forças Armadas Angolanas também reforçaram a segurança dos moradores, principalmente no período nocturno.

CONDIÇÕES SOCIAIS

Os moradores do bairro Paz queixam-se da falta de saneamento básico, cortes de energia e água e da degradação das vias secundárias e terciárias, devido ao lençol de água existente na zona.

Apesar disso, António de Oliveira acredita que, dentro de pouco tempo, as condições sociais vão melhorar no bairro. A água, que antes era um calcanhars de Aquiles, já começou a jorrar nas torneiras dos moradores, no âmbito do Projecto das 700 mil ligações domiciliárias da Empresa Pública de Águas de Luanda (EPAL).

"Hoje sai água aqui no quintal, o que não acontecia há três anos nem pensávamos que isso um dia seria possível", disse, com um sorriso no rosto.

O presidente da Comissão de Moradores, Manuel Zinga, garante que uma empresa foi contratada para a recolha dos resíduos sólidos, mas o estado lastimável das vias tem criado dificuldades ao trabalho.

Devido a essa situação, Manuel Zinga disse que os moradores foram obrigados a depositar o lixo na linha férrea e na vala do Mabela. "É uma questão que preocupa a comunidade, principalmente no tempo chuvoso, devido o aumento de doenças, tendo em conta que não temos centros de saúde no bairro", lamentou.



SANEAMENTO Moradores queixam-se da falta de contentores e são obrigados a deitar o lixo na encosta

HISTORIAL DA FORTALEZA DO SÃO PEDRO DA BARRA

A Fortaleza do São Pedro da Barra foi um ponto estratégico de defesa da cidade de Luanda, juntamente com as Fortalezas de São Miguel, Nossa Senhora de Conceição e Nossa Senhora da Flor da Rosa. Esta fortificação erguia-se na antiga ponta da ilha de Luanda, antes de metade desta língua de areia desaparecer por força das calemas, arrastando-o para o fundo do mar. A estrutura militar que cruzava fogo com o Forte de São Pedro da Barra jaz, provavelmente feita pedaços, no fundo da Baía de Luanda.

O Forte de São Pedro da Barra começou a ser escavado na rocha do antigo morro de Kassandama por prisioneiros da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, durante a ocupação holandesa, nos anos 40 do século XVII.

Ao recuperarem o controlo do território, os portugueses abandonaram o lugar até que, em 1663, foi de novo tido e achado pelas autoridades militares, que o restauraram. Quarenta anos depois, em 1703, foi ampliado e ganhou uma bateria superior e as muralhas de pedra e cal que ainda hoje vão resistindo com o tempo.

A fortificação estava, então, rodeada por duas colinas repletas de cajueiros e pastagens. Ao lado, os jesuítas construíram um hospício para indigentes, criminosos, degredados e "hereses" suspeitos de feitiçaria. Abriam também a chamada Fonte de Kassandama, que aproveitava um manancial de águas termais óptimas

para curar doenças de todo o tipo e feito.

No meio do século XIX, depois de obras importantes de canalização das águas sulfúreas para abastecer o complexo de fortificações e o hospício, a fonte foi vendida por "100 mil reis" a um comerciante de Luanda, conhecido por "Magalhães".

Entre 1703 e os primeiros anos do século XX, o Forte de São Pedro da Barra cravou na palma da sua mão uma sina eterna - tipo feitiço - que ainda hoje persiste, e que alterna ruína e renascimento. Cumprindo este destino, em 1920 a estrutura foi, uma vez mais, restaurada a 9 de Setembro de 1932, já sem piratas no horizonte, e foi elevada a Monumento Nacional.

Mas a história estava muito longe de terminar. A repressão colonial pós-4 de Fevereiro enviou directamente para as masmorras do Forte da Barra 112 revoltosos. A Fortaleza foi, então, transformada em centro de prisão. História idêntica, ocorreu entre 1974 e 1975, quando São Pedro da Barra foi ocupado por forças ligadas à FNLA.

O futuro deste monumento nacional, na rota entre Luanda e Cacuaco, em pleno Distrito Urbano do Sambizanga, contempla a sua transformação num museu. A ilha de Luanda no horizonte, aponta baterias para o mar e para terra, visão privilegiada deste país que ajudou a forjar.



LAMENTAÇÃO A água ainda não começou a jorrar na torneira de todos moradores

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO



JOÃO COLOLOSIO FALTA DE MATERIAL CONDICIONA SERVIÇOS

"A falta de material gastável na área de estomatologia condiciona o atendimento. Só fazemos consultas porque não temos anestesia e outros materiais. Já os requisitamos. Estamos a espera do material para atendermos os pacientes de forma digna".



DANIEL SACHILOMBO SATISFEITO COM O ATENDIMENTO

Daniel Sachilombo, morador da Ilha de Luanda, levou a filha à consulta, porque começou com febre no domingo. Como frequentador do centro poucos reparos fez, apenas disse que o atendimento "tem sido bom".

Carla Bumba

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Segunda-feira, 30 de Julho, o Centro de Saúde da Ilha de Luanda, uma vez mais abre as suas portas ao público. Está vazio, talvez por ser o primeiro dia útil da semana. Gestantes, mães e pais com seus filhos ao colo aguardam pelo atendimento. Os que mais cedo chegaram já estão a ser observados nas diversas enfermarias.

Localizado no Distrito Urbano da Ingombota, o Centro de Saúde da Ilha tem serviços de pediatria, ginecologia, estomatologia, banco de urgência, sala de parto, laboratório, farmácia, vacinação e outros. Perto das 10 horas da manhã vemos mães a regressarem para as suas casas com os filhos já medicados. "O atendimento é rápido", elas garantem-nos. Geralmente, os pacientes chegam ao centro com queixas de febres e vômitos. Nos diagnósticos, a malária aparece como a primeira causa de doença.

Daniel Sachilombo, morador da Ilha de Luanda, levou a filha à consulta, porque começou com febre no domingo. Como frequentador do centro poucos reparos fez, apenas disse que o atendimento "tem sido bom".

Angélica Carvalho, 18 anos e mãe de primeira viagem, recorreu ao Centro de Saúde da Ilha de Luanda para vacinar a sua menina de nove meses. No cartão três vacinas deviam ser dadas à bebé, mas, apenas apanhou duas; Sarampo e Febre-Amarela. A instituição não tinha as gotas de vitamina A.

Liliana Afonso disse que é grata a todo o corpo clínico do Centro da Ilha. Ela tem 28 anos, mora no distrito da Ingombota e teve os seus três filhos na sala de partos daquela unidade de saúde.

PARTURIENTES SATISFEITAS

A sala de partos do Centro de Saúde da Ilha de Luanda será a única na capital que não regista grande número de parturientes, nem de nascimentos. A razão será o desconhecimento deste serviço.

Elizângela Lopes teve um rapaz às cinco horas da manhã de segunda-feira. Soube da existência da sala de partos no Centro de Saúde da Ilha por intermédio de sua prima que trabalha na instituição. Era a sua primeira vez ali. O parto de seu filho foi normal e aguardava por alta naquele mesmo dia. Era uma paciente satisfeita.

Ana Dum, 32 anos, estava sentada na cama e amamentava o seu bebé recém-nascido. Chegou à instituição de madrugada para ser assistida pela terceira vez em trabalho de parto naquele centro. É moradora na Ingombota e considerou o atendimento que recebeu "excelente".

Elisa Silvestre tem 30 anos e vive no Golfe II, a única gestante que não mora no distrito da Ingombota. Uma ami-



CENTRO DE SAÚDE DA ILHA DE LUANDA

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Bom atendimento manchado por roubos e outras carências

Na penúltima semana de Julho foram roubados dois aparelhos de ar-condicionado.

O caricato foi que "os delinquentes regressaram ao centro e ameaçaram as técnicas que encontraram".

ga deu-lhe a conhecer o Centro de Saúde da Ilha. Lá entrou no domingo, 29 de Julho, e deu à luz uma menina. "A equipa que estava de serviço recebeu-me de braços abertos", disse.

ASSALTOS E OUTRAS CARÊNCIAS

As boas referências feitas ao Centro de Saúde da Ilha de Luanda são manchadas por actos menos louváveis. Na penúltima semana de Julho foram roubados dois aparelhos de ar-condicionado. O caricato foi que "os delinquentes regressaram ao centro e ameaçaram as técnicas que encontraram. A

maior parte dos técnicos aqui são mulheres. É um grande risco", disse João Cololosio responsável pela unidade.

De acordo com a fonte, a falta de guardas facilita os roubos constantes e permite igualmente que o pessoal sofra muitos abusos. "A falta de um corpo de segurança como acontece em outras instituições de saúde é uma das preocupações dos trabalhadores. Já houve casos de agressões aos técnicos que fazem turno da noite", denunciou.

A equipa de reportagem *Luanda, Jornal Metropolitano*, constatou que o Centro de Saúde da Ilha tem

98 funcionários divididos por diversas áreas. Entre eles estão cinco médicos e 48 enfermeiros.

Uma das grandes carências do Centro de Saúde da Ilha é a falta de um aparelho de Raio X. A sala para o efeito está fechada há mais de 10 anos, desde a última vez que beneficiou de obras. Os cortes de energia eléctrica também condicionam a rápida entrega dos resultados das análises clí-

nicas. O laboratório sofreu um curto-circuito e estava inoperante na semana passada.

João Cololosio informou que a falta de materiais gastáveis na área de estomatologia condiciona o atendimento. Só fazemos consultas porque não temos anestesia e outras matérias. Já os requisitamos. Estamos a espera do material para atendermos os pacientes de forma digna", argumentou o chefe do centro.

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



LILIANA AFONSO Manifesta gratidão

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO



ANA DUM Atendimento foi excelente

Uma das grandes carências do Centro de Saúde da Ilha é a falta de um aparelho de Raio X. A sala para o efeito está fechada há mais de 10 anos, desde a última vez que beneficiou de obras. Os cortes de energia eléctrica também condicionam a rápida entrega dos resultados das análises clínicas. O laboratório sofreu um curto-circuito e estava inoperante na semana passada.



**BAIRRO KINGONGO
LOCAIS ISOLADOS**

Nas imediações de um propalado projecto imobiliário, no município de Icolo e Bengo, foram encontrados três cadáveres em dias diferentes. As mortes eram realizadas no final do dia e os criminosos conheciam perfeitamente a zona onde executavam as vítimas.



**BAFÓMETRO
AUTOMOBILISTAS
FORAM AUTUADOS**

Durante a operação "Noite Sem Álcool", ocorrida na última semana do mês de Julho, mais de 40 automobilistas foram apanhados a conduzir com taxa de alcoolemia superior ao permitido por lei.

João Pedro

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O clima de terror instalado entre os moradores dos bairros Kingongo e Bazaquitel, na comuna de Cabiri, município de Icolo e Bengo, ficou minimizado desde a semana passada, com a detenção pela Polícia Nacional de dois presumíveis autores do assassinato de cinco jovens, num espaço de aproximadamente dois meses.

Os cadáveres encontrados em zonas isoladas e a forma bárbara como as vítimas foram mortas mudaram a rotina dos habitantes, que não têm memória de casos do género na região.

Segundo depoimentos de moradores, foram dias de pânico e qualquer atitude estranha, era motivo de desconfiança.

Uma fonte da Polícia Nacional, disse ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, que o "modus operandi" dos presumíveis assassinos, consistia em asfixiar as vítimas com uma meia comprida. Já sem forças, recebiam golpes de faca até à morte, daí a razão de os corpos terem sido encontrados com bocas cortadas e os órgãos internos expostos. Segundo se sabe, os jovens assassinados, com idades compreendidas entre os 20 e 29 anos, não eram pessoas conhecidas da comunidade. Em vida, exerciam a actividade de moto-táxi, no Quilómetro 30 e na comuna da Funda. Nestes locais, terão sido abordados pelos suspeitos, que alegadamente solicitavam os serviços de táxi, oferecendo, para o efeito, seis mil Kwanzas para se deslocarem à comuna de Cabiri. A fonte da Polícia Nacional, informou também que as mo-



ICOLO E BENGO

EDIÇÕES NOVEMBRO

**Prisão de assassinos
diminui clima de terror
na comuna de Cabiri**

CRIMES Os corpos encontrados em zonas isoladas e a forma bárbara como foram mutilados mudaram a rotina dos habitantes da região

torizadas das vítimas foram vendidas. O preço era estabelecido em função do seu estado técnico, variando dos 80 mil aos 100 mil Kwanzas.

O principal suspeito, militar das Forças Armadas Angolanas (FAA), integrado na 101ª Brigada, localizada na Funda, em Cacucaco, tem a mobilidade reduzida em consequência da deficiência num dos membros inferiores. O militar, um antigo instrutor dos Comandos, é acusado de ser o autor material.

Mário Júnior, que vive no bairro do

Kicongo, comparou o cenário das mortes com as imagens exibidas na série televisiva "mentes criminosas". Explicou que os cadáveres eram "largados" no caminho que os camponeses utilizam para irem às lavras.

"Nas imediações de um propalado projecto imobiliário, foram encontrados três cadáveres em dias diferentes", disse, supondo que as mortes eram realizadas no final do dia e os criminosos conheciam perfeitamente a zona onde executavam as vítimas.

O papel desempenhado pelos moradores de Cabiri foi fundamental para a captura dos presumíveis autores dos crimes. Tia Margarida, como é vulgarmente conhecida no bairro Kingongo, contou que no dia da captura despertou suspeita da população ver três indivíduos por cima de uma moto em direcção a uma área isolada, pouco depois das 18

horas. Em função dos assassinatos anteriores decidiram pedir ajuda das autoridades policiais.

"Accionamos a polícia, indicamos o caminho que usaram, mas ao notar a presença policial eles se esconderam no capim. E foi tarde, porque haviam acabado de matar mais um jovem. Felizmente, dos três suspeitos, dois estão detidos", disse.

TRIBUNAL PROVINCIAL

**"Cage One" condenado
por condução sob
efeito de álcool**

O cantor Sérgio Alexandre Jota Manuel, conhecido nas lides musiciais por "Cage One", foi condenado pelo Tribunal Provincial de Luanda a seis meses de prisão por crime de condução sob o efeito de álcool.

A pena foi convertida em multa, a razão de 100 Kwanzas por dia, 10 por cento de emolumento ao Governo Provincial, uma taxa de justiça no valor de 88 mil Kwanzas e mais três mil para o defensor oficioso. Com ele, foram, igualmente condenados outros 41 automobilistas.

A infracção foi detectada pelo "bafómetro", durante a operação "Noite Sem Álcool", ocorrida na última se-

mana do mês de Julho, e levada a cabo pelos agentes reguladores da Unidade de Trânsito do Comando da Polícia Nacional, em Luanda.

Interrogado pelo juiz, "Cage One" que apresentou uma taxa de alcoolemia de 2,19 gramas por um litro de sangue, disse desconhecer as campanhas contra a sinistralidade em curso na província.

Durante a leitura dos quesitos, o juiz fez menção que a infracção cometida pelo cantor, no acto da condução, constituiu um perigo para a sua própria vida, dos demais ocupantes da viatura e utentes da via.

BALANÇO DAS OPERAÇÕES

O intendente Simão Saulo, chefe das Transgressões da Unidade de Trânsito, revelou que no primeiro trimestre de 2018, foram autuados e julgados por crime de condução em estado de embriaguês um total de 1.238 automobilistas, com taxas de alcoolemia iguais ou superiores a 1,2 grama por um litro de sangue.

A maioria dos autuados foi condenada a penas que variam entre 60 a 90 dias de prisão, que, entretanto, foram convertidas em multas. No mês de Julho último, 161 automobilistas foram autuados pelos agentes da Unidade de Trânsito e, posteriormente, condenados pelo tribunal, com penas que variam dos 30 aos 90 dias. As penas de prisão foram convertidas em multas, com valores que variaram entre 100 a 460 Kwanzas.

"Enquanto existir lei para reger a boa conduta dos automobilistas na via pública, as operações da Polícia de Trânsito vão continuar", garantiu o oficial superior da corporação.

MAZARINO CUNHA



INFRACÇÃO Cantor diz desconhecer "Noite Sem Álcool"



FÉLIX MIZÉ ATENDIMENTO CLÍNICO

"Por terem sido expostas a um cenário profundamente desagradável, as vítimas da criminalidade violenta precisam de acompanhamento permanente. Não é bom para ninguém presenciar, por exemplo, o assassinato brutal de um ente-querido".



CRIMINALIDADE AGRESSORES SÃO PESSOAS PRÓXIMAS

De acordo com as autoridades policiais, a criminalidade atingiu níveis elevados. Alguns dos crimes mais violentos, segundo consta, são cometidos por pessoas próximas às vítimas.

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Os crimes violentos que a cidade de Luanda tem registado podem estar a ser influenciados pela globalização, traduzida na imitação de fenómenos com envolvimento agressivo, que acontecem à escala mundial, afirmou o psicólogo clínico, Félix Mizé.

Em declarações ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, a propósito do crescente número de crimes com requinte de extrema violência, o especialista considerou que a formação de grupos de malfeitores, os raptos e as violações sexuais, por exemplo, não podem ter explicação apenas na pobreza ou na falta de emprego.

"As teorias de aprendizagem enfatizam que todo o tipo de agressividade tem forte pendor na visualização. A falta de emprego pode até ser um dos factores que conduz à delinquência, mas não justifica tudo. Luanda está aberta a globalização, as pessoas consomem em excesso muito daquilo que vem de fora do país, e os reflexos são visíveis quase diariamente", disse.

Félix Mizé referiu que o angolano é um ser essencialmente social e com tendência natural para praticar o bem. Contudo, disse notar uma desorientação no modo estar da maioria das famílias que habitam na província de Luanda. Embora admita que a desestruturação familiar tenha a sua quota negativa no recrudescimento do crime, considerou a pobreza mental e espiritual como um problema extremamente sério e de resolução difícil.

Ao avaliar os relatos sobre o envolvimento de pessoas bem colocadas na sociedade, sobretudo do ponto de vista profissional e familiar, pelo lucro fácil, o também presidente da Sociedade Angolana de Psicologia Clínica considerou que, por si só, é um indicador que configura a distorção das mentalidades.

"Não acredito que a maior parte dos grupos criminosos sejam liderados por pessoas desempregadas e pobres. Temos visto que a estrutura do crime organizado tem estado a ser liderada por indivíduos com níveis de conhecimento acima da média e elevado poder económico", disse.

Para inverter o recrudescimento dos crimes violentos, que remetem a reflexão dos mais variados sectores da sociedade, Félix Mizé sugere que se faça um trabalho abrangente, sobretudo nas escolas e demais aglomerados populacionais. Acrescentou a mais-valia que pode aferir ao problema a criação de centros psico-pedagógicos e programas de inserção social dirigidos.

Do ponto de vista da humanização, o psicólogo clínico manifestou que, mais do que atrair o espanto das pessoas diante de uma realidade macabra, o avolumar dos crimes violentos



CRIMES EM LUANDA

EDIÇÕES NOVEMBRO

Globalização fomenta imitação de violência

arrisca a tornar a sociedade insensível a morte e a dor.

"Os recorrentes crimes violentos têm quase sempre uma relação estreita com a posse de arma de fogo em mãos erradas, daí que é urgente reforçar o seu controlo e fiscalização", sugeriu.

Félix Mizé lembrou que a crise financeira é um acontecimento cíclico, tendo aconselhado os cidadãos a não enveredar por comportamentos socialmente reprováveis, que mais tarde se vão arrepender.

"A boa educação e o amor despertam nas pessoas a solidariedade e é preciso entender que a nossa solidariedade cobre a necessidade do outro", sustentou.

"As teorias de aprendizagem enfatizam que todo o tipo de agressividade tem forte pendor na visualização. A falta de emprego pode até ser um dos factores que conduz à delinquência, mas não justifica tudo"

TRAUMAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A OBSERVAÇÃO ACARRETA consigo o processo de memorização dos factos e pode perdurar longos anos ou até mesmo toda a vida. Félix Mizé explicou que, tratando-se de um acontecimento ruim, existem situações em que a vítima usa da sua experiência negativa para se vingar da sociedade.

"No caso de uma mulher violentada sexualmente, além de manifestar indiferença sentimental com os homens, por exemplo, pode incutir o sentimento de vingança e diante do acontecido passa a fazer uso do sexo para prejudicar outrém", disse.

O especialista em psicologia inclui o stress pós-traumático e a depressão no conjunto de enfermidades mentais que podem acompanhar as vítimas de crimes violentos, adiantando que, enquanto psicólogo tem acompanhado alguns casos. Acrescentou que da equipa de trabalho fazem parte mais de 10 profissionais da área de Psicologia Criminal.

"A Sociedade Angolana de Psicologia Clínica tem trabalhado com algumas vítimas. Por terem sido expostas a um cenário profundamente desagradável elas precisam de acompanhamento permanente. Não é bom para ninguém presenciar, por exemplo, o assassinato brutal de um ente-querido", disse. Félix Mizé aproveitou a ocasião para manifestar a disponibilidade da instituição

que dirige em contribuir nos programas de abrangência nacional, provincial ou de outra índole, tendo em conta os desafios do fórum mental que a sociedade apresenta.



PSICÓLOGO Félix Mizé defende mais inserção

EDIÇÕES NOVEMBRO

Doe Sangue Salve uma Vida

Faça Parte desta Causa!



INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE





VUIVUI PAUPÉRRIMAS PELÍCULAS DOMÉSTICAS SUPERADAS

A "bondade" de VuiVui confinou-se apenas ao kudurista Pé de Galo, para azar ou sorte do menino da Petrangol, que já superou a barreira do invisível. Para sanar a sua satisfação, VuiVui "kibulou já" com um vídeo.



PÉ DE GALO VIDEOS NO YOUTUBE PROVOCAM OVAÇÃO

O cantor visionou na música a razão maior do seu sucesso, transformando-o numa variável artística. No Youtube, os vídeos de adultos a se atirarem em cadeiras são muitos. Quem estiver alheio aos factos, pode achar nisso "uma brincadeira de mau gosto".

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A prole kudurística é, entre tantos epítetos bons e maus que a podem identificar, prolifera na apresentação e defesa da sua fruição inventiva. Não se coíbe nem nos assuntos nem nos toques de dança, desde os mais moralmente inconvenientes ao mais genericamente aceitáveis. Esse génio inventivo de periodicidade efémera brota de uma espontânea instantaneidade que só eles atingem e que é muitas vezes associada a factores etários.

Entretanto, eles defendem-na, ora em silêncio, ora atestando nos meios de comunicação social. Mesmo quando vozes, numa "minada" defesa normativa da arte, que em muitos casos denunciavam mais uma necessidade de copulação do processo de criação e não do objecto artístico, difundem opiniões pouco abonatórias para este género que já muitas vezes teve vaticinada a sua morte, fundamentada, na discutível desculpa de ser "febre do momento".

Para já, o momento é somente peculiar a si mesmo, que às vezes de nada vale asfixia-lo com excessiva carga de influência do passado. E a "resistência" do kuduro é prova disso. Está na sua génese apropriar-se da vida mais comum dos centros urbanos, da sua agitação, dos seus vícios e da sua força, de que originaram clássicos que, apesar de muitos não mais bombarem nas rádios, ainda assim povoam a memória de uma geração que jamais deve enveredar pela postura cínica de não assumi-los como parte da construção da sua educação estética.

O kuduro demarcou-se do lirismo paisagístico, do tom confessional de que hoje sobrevive a nossa kizomba e o rap, à base dos clichés "eu te amo, te curto bué, minha mulher, meu marido, meu amante...", forjando uma composição cujo resultado final é taxado como "menos apurado", tanto na letra como na melodia. Isso faz crer que seja fácil cantar kuduro, bastando estar desprovido de exigência estética.

Mas não é bem assim. Porque se assim fosse, todos certamente seriam sucessos no kuduro. Se quisermos puxar um exemplo, o caso "Bela", dos Detroia, é perfeito. Quem poderia descortinar a possibilidade de uma repetição do nome Bela (diminutivo de Isabel) vir dar em dança e música de grande sucesso do dia para a noite? "Bela" nasceu de uma pacata tensão conjugal, presenciada por um dos integrantes do grupo, para depois ser refinada como proposta à obra de arte.

O kuduro tem essa força de metamorfosar actos vulgares, nada inusitados, em sucesso nacional, como o sucesso de novela, o barulho do motor do carro, o sabor de uma comida, o fechar ou o abrir do livro ou uma queda de uma cadeira. Ou seja, tudo na lente do kudurista é passível de música, nada sendo improvável. O mais recente é o "To Cair Com Cadeira", que está agora

"Kasumbula" de Vui Vui ao Pé de Galo



"TO CAIR COM CADEIRA"



na boca do povo. Ora!, a fazer fé nos nossos costumes, até há bem pouco tempo cair da cadeira era motivo de chacota, incluído também o receio de contrair lesões. Mas parece que tudo isso está a ser simplesmente ignorado. Pé de Galo visionou nisso a razão maior do seu sucesso, transformando-o numa variável artística. No Youtube, os vídeos de adultos a se atirarem em cadeiras são muitos. Quem estiver alheio aos factos, pode achar nisso "uma brincadeira de mau gosto". Mas logo muda de opinião, quando perceber a ovação que esse acto provoca. É uma dança. Uma dança mesmo!

KASUMBULA

Essa mais recente engenhosa criação do kuduro, o hit "To Cair Com Cadeira", mereceu não só a atenção do rapper VuiVui, como foi móbil de uma inspiração que resultou numa outra música, a que o rapper intitulou "Remix Vou Cair Com Cadeira". Com as devidas credenciais do aclamado rapper que é, de uma mão cheia de noias, somente o coro não é da sua lavra. E o

problema está exactamente aí, visto que VuiVui poderia muito bem alterar o coro e brindar uma nova música aos seus fãs. Mas não!

O deslize de ir ao arrastão do já sucesso "To Cair Com Cadeira" chama logo a atenção por se associar imediatamente aos "louros" do kudurista Pé de Galo, levantado a questão de o remix de VuiVui ter visibilidade por esta dependência. Com tantos sucessos do kuduro por "acordar" em novas roupagens, por que razão VuiVui vai logo "morrer de amores" exactamente por este que é a febre do momento? Aliás, podia muito bem desafiar a sua força criativa a limar em rap um outro clássico do kuduro, para, obviamente, potenciar mais a sua ideia de comunhão entre os géneros.

Contudo, a "bondade" de VuiVui confinou-se apenas ao kudurista Pé de Galo, para azar ou sorte do menino da Petrangol, que já superou a barreira do invisível. Para sanar a sua satisfação, VuiVui "kibulou já" com um vídeo cujos custos financeiros jamais estariam ao alcance de Pé de Galo, que até então

socorria-se de paupérrimas películas domésticas.

Como era de esperar, as reacções não tardaram. Sentindo-se financeiramente incapaz de competir com o rapper, o kudurista Pé de Galo decide assumir publicamente a ignóbil intenção de por fim à sua vida. Fê-lo por via de um vídeo que se tornou viral, onde detalhava que levaria o seu protesto ao nível de haraquiri, adiantado que "se enforcaria no Largo da Independência", por lhe "terem roubado a música sem qualquer autorização".

O circuito artístico estava boquiaberto diante desta "brincadeira" de uma pobreza indefensável, com contornos de pôr em causa a moral de um e a sanidade mental de outro. A imprensa "consumiu" bem o caso e os intervenientes não demoraram a sentar nos sofás e pro-

gramas de rádio e televisão. A deixar tudo em "pratos limpos", a novela augura um final feliz, estando no ar a promessa de VuiVui dar um "empurrão" na confecção, para os próximos dias, de um vídeo sério do hit "To Cair Com Cadeira" e orientar o kudurista Pé de Galo a bater as portas certas. Esta "indemnização" simbólica agradou ao kudurista, que já bem pode balançar se foi sorte ou azar.

Porém, à pergunta suspeita sobre as motivações que levaram VuiVui a escolher este sucesso da actualidade para remix, veio à tona que não foi mais do que um exercício da sua excelsa e imaculada bondade, anulando qualquer margem de aproveitamento. Quanta bondade, VuiVui, sem sombra de dúvidas o paladino de novos ensaios do conceito caridade.



SUBSTITUIÇÃO DE NOME DESCONHECIMENTO E BUROCRACIA

Muitos desconhecem os procedimentos que têm que seguir para substituir o nome dos anteriores proprietários. Na maior parte dos casos, o desconhecimento sobre os procedimentos a seguir surge como a primeira razão para não registar a habitação. Acresce-se a burocracia.



PROPRIEDADES CONFISCO A FAVOR DO ESTADO

Com a aprovação da Lei 43/76, o Governo da então República Popular de Angola ordenou o confisco, a favor do Estado, de todas as propriedades que, ao fim de 45 dias, tivessem sido abandonadas, por razões injustificadas, pelos seus proprietários.

CONFISCO E DESCONFISCO

EDIÇÕES NOVEMBRO

Pimenta Kajocolo

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Falar de propriedade horizontal em Luanda continua a representar um verdadeiro bico-de-obra, que traz ao de cima o problema dos desconfiscos das propriedades confiscadas pelo Estado angolano, um ano depois da proclamação da Independência Nacional.

Com a aprovação da Lei 43/76, o Governo da então República Popular de Angola ordenou o confisco, a favor do Estado, de todas as propriedades que, ao fim de 45 dias, tivessem sido abandonadas, por razões injustificadas, pelos seus proprietários.

A reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, contactou várias fontes oficiais para abordar o assunto, mas o acesso a elas continua a representar um grande impedimento à nossa nobre missão de informar o público.

O director adjunto para área Administrativa do Instituto Nacional da Habitação, David Andala Oliveira, depois de solicitar um questionário prévio para nos conceder entrevista, remeteu o assunto ao Ministério do Ordenamento do Território e Habitação, órgão sobre o qual, em sua opinião, recai a responsabilidade de responder ao nosso questionário.

Este quinzenário constatou o desnorte em que estão as coisas que, mesmo sem estarem fora da lei, como defendem fontes do Executivo, indiciam a existência de um vazio institucional.

Depois da ordem de confisco decretada pelo Estado, em 1976, muitos imóveis em Luanda continuam, até a presente data, com o título de propriedade passado em nome dos seus antigos donos, o que, em muitos casos, acaba por conformar um ilícito.

O Artigo 1º da Lei Constitucional refere que constituem Património do Estado, independentemente de quaisquer formalismos, todos imóveis e fracções autónomas, nacionalizadas ou confiscadas, nos termos das Leis n.ºs 3/76, de 13 de Março, e 43/76, de 19 de Junho.

Entretanto, o número 1 do artigo 2º ressalva que, sem prejuízo do disposto no artigo anterior, compete ao Ministério da Justiça e a Secretaria de Estado da Habitação promover os competentes actos de registo a favor do Estado.

Não tendo dado cumprimento ao disposto no número 1 do artigo 2º, ficou-se com a impressão de que estamos diante de um ilícito. Em Angola não existe memória de alguma campanha de registo de propriedade realizada pelo Estado, para legalizar os bens confiscados. Pelo contrário, o Estado vendeu os imóveis aos seus ocupantes, sem antes fazer o registo destes bens, ou seja, vendeu bens que nem sequer estavam em seu nome.

O antigo secretário de Estado da Habitação, Vitoriano Ferreira Nicolau, des-



Propriedades continuam registadas em nome dos antigos donos

Sem confirmar se estamos ou não diante de um ilícito, um renomado advogado da nossa praça, que falou na condição de anonimato, admitiu a existência de um vazio institucional sobre o registo de imóveis em Luanda.

cartou desde já a existência de um ilícito. “O Conselho da Revolução, que na altura exercia a função de órgão legislativo, determinou o confisco de todas as propriedades que haviam sido abandonadas pelos seus proprietários”, afirmou, acrescentando que a ausência de pagamento de impostos ao Estado colocou os imóveis abandonados na alçada dos confiscos e nacionalizações.

“Todos bens confiscados e nacionalizados são e vão continuar a ser propriedades do Estado angolano. Tratou-se de um acto legítimo consagrado na Constituição e exarado através de um diploma legal tornado público pelo Conselho da Revolução”, salientou.

Com esses argumentos, deduz-se que o problema pode residir na ausência de comunicação entre o Estado e os actuais proprietários dos imóveis con-

fiscados. Muitos desconhecem os procedimentos que têm que seguir para substituir o nome dos anteriores proprietários. É o caso de Sebastião da Silva, 75 anos.

Morador em Viana, desde 1975, Sebastião da Silva comprou, há alguns anos, ao Estado a casa onde habita. Desconhece que, além da compra, precisa fazer o registo de propriedade para que a casa fique em seu nome.

Maria Domingos do Santos, 65 anos, dos quais mais de 40 passaram na Vila Alice, também desconhece os procedimentos a seguir para fazer o registo da sua residência. Ainda que soubesse, alega não ter recursos financeiros para comprar em definitivo a moradia em que reside.

Na maior parte dos casos, o desconhecimento sobre os procedimentos a seguir surgem como a primeira razão para não registar a habitação. Mas, também há os que não o fazem devido a burocracia no sistema e a fuga ao fisco.

O director do Gabinete Provincial dos serviços Técnicos e Infra-Estruturas do Governo Provincial de Luanda, Osvaldo do Amaral, disse, recentemente, que existe em Luanda muitos problemas de invasão fiscal. “Temos muitas empresas e mesmo entidades que não pagam o fisco e o Imposto Predial Urbano (IPU), que, em situação normal, poderia ser as maiores fontes de receitas da província”.

CONFISCOS IRREVERSÍVEIS

O Estado continua a reafirmar a irreversibilidade do processo de confisco,

mas também parece admitir, de forma implícita, a fragilidade do acto. Só assim se entendem os entraves para se obter um título de propriedade de imóvel.

Fontes do Cartório de Registo Predial, referem que para a entrega de um título de propriedade o interessado tem que apresentar um documento que confirma o pagamento actualizado dos impostos, emitido pelo Ministério das Finanças.

Sem confirmar se estamos ou não diante de um ilícito, um renomado advogado da nossa praça, que falou na condição de anonimato, admitiu a existência de um vazio institucional sobre o registo de imóveis em Luanda.

Uma outra fonte sustenta que faltou ao Estado fazer deligência para aquilo que considera “requisito de eficácia do negócio jurídico”.

Para mostrar quão frágil é a Lei perante uma simples ordem de confisco, as nossas fontes lembraram os tristes episódios, ocorridos entre 1990 e 2000, em que algumas famílias ficaram sem habitação, porque os antigos proprietários as reclamaram, depois de aban-

doná-las por décadas.

Para Vitoriano Ferreira Nicolau, esses “desconfiscos” passaram por esquemas de corrupção que envolveram cidadãos nacionais e estrangeiros.

“Grande parte dos documentos utilizados para os desconfiscos foram forjados a partir do exterior do país, atribuindo direitos de propriedade há cidadãos nacionais que, por sua vez, levaram o caso ao Tribunal”, lembra, acrescentando que é possível rever estes casos, desde que os interessados tenham os documentos actualizados para fazê-lo.

O antigo secretário de Estado da Habitação revelou que foi um acto deliberado a indefinição de uma data para o registo dos bens confiscados. “Nós conhecíamos as debilidades da nossa máquina administrativa e decidimos não definir uma data limite para o registo das propriedades confiscadas”, disse, acrescentando que com a indefinição de um prazo, o Governo transformou a coisa num acto “ad eternum” para permitir que o registo fosse realizado ao longo dos tempos.

VENTOS DO SUL

JORNAL REGIONAL DA HUÍLA, NAMIBE, CUNENE E CUANDO CUBANGO

O Jornal que aborda o dia-a-dia das Províncias da Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango.

Propriedade da



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela imprensa

**ARDINAS
DISTRIBUIDORES
LIVRARIAS
QUIOSQUES**

SAIBA COMO
COMPRAR E VENDER
JORNAIS DE FORMA SEGURA

DIGA-NOS

QUANTOS DESEJA
E COMPRE AO PREÇO JUSTO
SEM INTERMEDIÁRIOS!

QUER MAIS INFORMAÇÕES?

☎ 923 569 076 / 923 336 616 / 923 659 623

🏠 Ou dirija-se às Edições Novembro
Rua rainha ginga 18 - Luanda



EDIÇÕES NOVEMBRO

JORNAL DE
ANGOLA

JORNAL DOS
DESPORTOS

JORNAL
ECONOMIA & FINANÇAS

CULTURA
Jornal Angolano de Artes e Letras

CLASSIFICADOS

Tudo o que procuras está aqui!



**ENCONTRE
AQUI
O QUE
PROCURA!**



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

Rua Rainha Ginga, 18/24 - Luanda
de Segunda a sexta-feira, das 8h00 às 18h00,
Sábados, Domingos e Feriados, das 9h00 às 14h00
www.jornaldeangola.co.ao/classificados

PUBLICIDADE:

925 134 301 - 912 206 159 - 923 409 613
publicidade@jornaldeangola.com

SEJA UM BOM CIDADÃO MANTER A CIDADE LIMPA É FIXE

Não atire papéis, latas, garrafas, plásticos e outros objectos para o chão nem os deite fora pela janela das viaturas.



Deite o lixo sempre num contentor, dentro de um saco fechado.



O lixo que não é colocado no local correcto pode contribuir para disseminar muitas doenças, como paludismo, febre tifóide e diarreia



CONTRIBUA PARA FAZER DE LUANDA UM LUGAR MELHOR PARA SE VIVER.



TESTE

Desafio

1 - Este teste é constituído por frases a que faltam a última palavra. É necessário encontrar essas palavras para completar as frases.

1- **Música** está para **ouvidos** como **brinco** está para:

- A- Orelhas; B- Pescoço;
- C- Dedos; D - Nariz.

2- **chave** está para **abrir** como **banana** está para:

- A- Descascar; B- Assar;
- C- Deitar; D- Alimento.

2- **Icolo e Bengo** é um município da província de Luanda, tem 3 819 km² e cerca de 59 mil habitantes. É limitado a Norte pelo município do Dande, a Este pelo município de Cambambe, a Sul pelo município da Quiçama e a Oeste pelos municípios de Viana e Cacucaco. O município está subdividido em cinco comunas. Marque com um X as mesmas que o constituem:

- 1- Bom Jesus;
- 2- Ramiros;
- 3- Cabiri;
- 4- Cabolombo
- 5- Cassoneca;
- 6- Caculo Cahango;
- 7- Catete

RESPOSTAS

- Verticais**
- 1- MASSA, 2- ERRAR, 3- NE, 4- ONU, 5- NAVE
 - 6- UA, 7- ENF, 8- MACOIA, 9- IRIAR, 14- AGARRAR, 17- LASSO, 19- OPA, 20- BROTO, 22- RIM, 24- UNI, 26- CAL, 27- PODAR, 28- AVELA, 30- EVITA, 31- MAIAR, 34- MODO, 37- ENF, 39- LER, 42- AS, 46- ESTORVAR
- Horizontais**
- 1- MENONQUE, 8- MI, 10- ARENA, 11- ANDAR, 12- SR, 13- UVA, 15- CI, 16- SAL, 18- EGO, 20- BOA, 21- ARAR, 23- APURAR, 25- SICRANO, 27- PASMAR, 29- TEM, 32- OVO, 33- IAM, 35- OVA, 36- DE, 38- ROL, 40- II, 41- ALUNA, 43- DETA, 45- RÁ
- Palavras Cruzadas**
- Caculo Cahango,
 - Cassoneca,
 - Cabiri,
 - Bom Jesus,
 - Catete.
- Desafio:**
- 1 - 1 - A - Orelha
 - 1 - 2 - D - Alimento

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



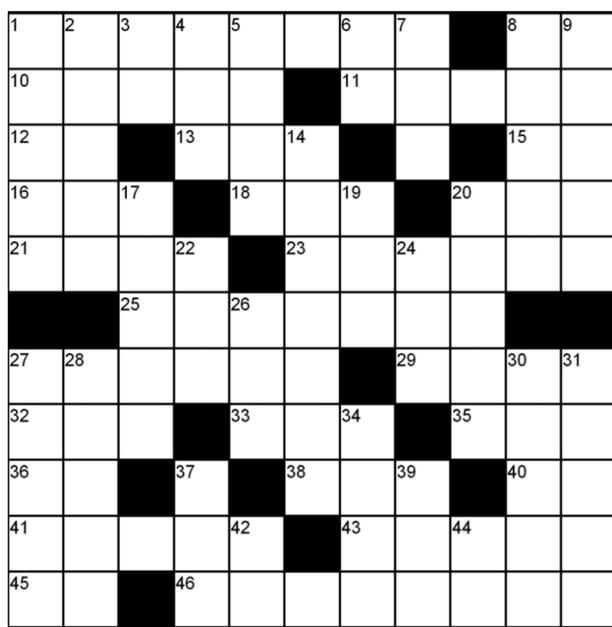
Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro

O Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro está situado em Luanda, nas imediações dos bairros Kassequel, Kassenda, Rocha Pinto e Mártires do Kifangondo. A sua construção teve início em 1951 e ficou concluída em 1954. Foi inaugurado nesse mesmo ano pelo então Presidente da República Portuguesa, General Craveiro Lopes, que o "baptizou" com o seu nome, "Aeroporto Presidente Craveiro Lopes". Com

a independência em 1975, o aeroporto, em 1976, passou a chamar-se Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, em homenagem à data de início da Luta Armada e da Libertação Nacional, consolidada com a visita do primeiro Presidente da República Dr. António Agostinho Neto. Há factos que marcaram a existência do aeroporto. Em 12 de Fevereiro de 2000, um avião de carga Boeing 727 da Transafrik International despe-

nhou-se na aterragem na pista 23. Devido a ventos que sopravam entre os 50 e os 80 nós, a aeronave, que já tinha feito uma primeira aproximação falhada, acabou por tocar o solo com a asa direita logo após a aterragem. Em 25 de Maio de 2003, um Boeing 727-223 com a matrícula N844AA, que estava parqueado no aeroporto há mais de um ano, desapareceu em circunstâncias misteriosas.

Palavras Cruzadas



Horizontais

- 1- Município da província do Cuando Cubango. 8- Terceira nota musical. 10- Anfiteatro. 11- Dar passos. 12- Senhor (abreviatura). 13- Baga da videira. 15- O número 101 em numeração romana. 16- Cloreto de sódio. 18- Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de eu. 20- Benéfica. 21- Lavrar. 23- Aperfeiçoar. 25- Indivíduo. 27- Espantrar. 29- Parcela. 32- Branco é, a galinha o põe. 33- Caminhavam para lá. 35- Ovario dos peixes. 36- Preposição que designa posse. 38- Lista. 40- O número dois em numeração romana. 41- Discípula. 43- Estende ao comprido. 45- Batráquio. 46- Embarçar.

Verticais

- 1- Mistura de farinha com um líquido, formando pasta. 2- Enganar-se. 3- Símbolo de nordeste. 4- Organização das Nações Unidas (acrónimo). 5- Parte do templo destinada aos fiéis. 6- União Africana. 7- Nome da letra N. 8- Peixe que se encontra na costa de Angola. 9- Matizar. 14- Pegar em. 17- Frouxo. 19- Oferta Pública de Aquisição (acrónimo). 20- Gomo ou rebento, nas plantas. 22- Viscera dupla. 24- Juntei. 26- Tomba. 27- Limpar ou cortar os ramos inúteis das árvores. 28- Fruto da aveleira. 30- Impede. 31- Atrapalhar. 34- Maneira. 37- Nome da letra N. 39- Um prazer de quem gosta de livros. 42- Elas. 44- O número quatro em numeração romana.

Cinema

ZAP Cinemas

Semana: 03 a 09 de Agosto

- Título: **Mama Mia: Here we go Again**
- Género: **Acção (IMAX)**
- Sessões: 13h00 /15h30
18h00 /21h00/23h30
(sex, sáb e vesp de feriado)



- Título: **The Equalizer 2**
- Género: **Acção/Drama**
- Sessões: 13h30/16h30
19h00/21h20/00h00*
(sex, sáb e vesp de feriado)



CINEMAX /Kilamba

Semana: 03 a 09 de Agosto

- Título: **Nada a Perder**
- Género: **Biografia**
- Sala (VIP)
- Sessões: 12h40 /15h30
18h40 /21h30

- Título: **Hotel Transylvania 3: Férias Monstruosas 3D VP** (sala 1)
- Género: **Animação**
- Sessões: 13h40/15h50/18h00

- Título: **Missão: Impossível - Fallout 3D** (sala 1)
- Género: **Acção**
- Sessões: 20h10

- Título: **Hotel Transylvania 3: Férias Monstruosas 3D VP** (sala 2)
- Género: **Animação**
- Sessões: 10h30

- Título: **Arranha-Céus 2D**
- Género: **Acção** (sala 2)
- Sessões: 13h00/15h20/17h40
20h00/22h20*
*Apenas dias 03 e 04 Agosto

- Título: **The Incredibles 2: Os Super-Heróis 2DVP** Inclui Curta-Metragem BAO
- Género: **Animação** (sala 3)
- Sessão: 13h00 /15h40/18h20

- Título: **Missão: Impossível - Fallout 3D**
- Género: **Acção** (sala 3)
- Sessões: 21h00

- Título: **The Incredibles 2: Os Super-Heróis 3D VP**
- Género: **Animação** (sala 3)
- Sessões: 10h30

- Título: **The Equalizer 2: A Vingança**
- Género: **Acção, Crime** (sala 4)
- Sessões: 13h40/16h20/19h00/21h40

- Título: **Missão: Impossível - Fallout 3D**
- Género: **Acção** (sala 5)
- Sessões: 12h40/16h00/19h10/22h00*

*Apenas dias 03 e 04 Agosto

**GALERIA TAMAR GOLAN
"ROSTOS DA BANDA"
DE JARDEL SELELE**

A Galeria Tamar Golan, da Fundação Arte e Cultura, apresenta "Rostos da Banda", a mais recente exposição individual do jovem artista plástico angolano Jardel Selele. A exposição, a inaugurar na sexta-feira, pelas 18h00, ficará patente ao público até ao dia 27 de Agosto.



JARDEL SELELE
"ROSTOS DA BANDA"

**TERCEIRA EDIÇÃO
FUTEBOL STREET
ORGANIZA TORNEIO**

A terceira edição do Torneio de Futsal, organizado pela Futebol Street, acontece sábado, a partir das 15h00, no Campo do Petro. As inscrições decorreram até 25 de Julho. A equipa vencedora recebe um prémio de 250 mil Kwanzas. A par do valor monetário, haverá também taças, medalhas e outros prémios individuais.



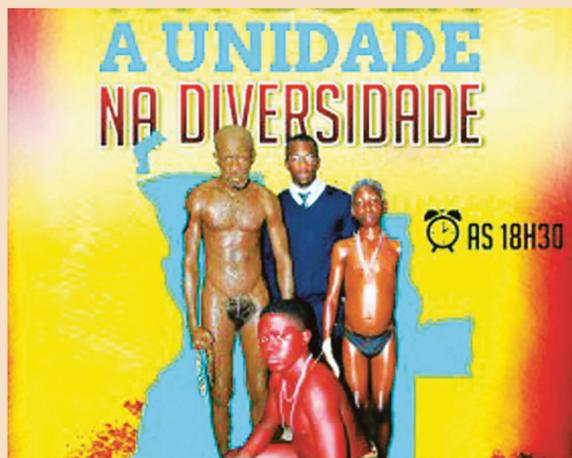
EVENTOS



MÚSICA MCK realça a crítica social nas composições

**MCK APRESENTA "VALORES"
NA PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA**

"Valores" é a mais recente obra do conceituado rapper MCK, pseudónimo de Katrogi Nhanga Lwamba. Anunciada desde meados do ano passado, a quarta obra de MCK chegará às mãos dos seus fãs no próximo domingo, com a venda e sessão de autógrafos na Praça da Independência. O álbum conta com as participações dos músicos MC Cabinda, Aline Frazão, Mono Stereo, Kool Klever, Ikonoklasta, Ngola Sambila, Azagaia, Tássia Reis, Loromance e Shannon Lawn. O rapper tem nas bancas os álbuns "Trincheira de ideias" (2002), "Nutrição Espiritual" (2006), e "Proibido Ouvir Isso" (2012).



TEATRO Drama de carácter social é levado ao palco

**ARTE TATA YETU APRESENTA
"UNIDADE NA DIVERSIDADE"**

O Colectivo de Arte Tata Yetu apresenta amanhã, às 18h30, no Camões-Centro Cultural Português, a peça de teatro "Angola - A Unidade na Diversidade". Em síntese, a peça retrata as diferentes facetas da vida dos mais antigos habitantes do território que hoje constitui a nação angolana. As cenas e figuras, algumas de recorte caricatural e satírico, são baseadas numa realidade nem sempre perceptível aos apreciadores de arte. A mesma faz também uma abordagem da cultura tradicional, procurando com essa viagem pelas origens e raízes uma maior afirmação da identidade nacional na sua ampla diversidade.

MIGUEL BUÍLA

**Espiritualidade e fé
encarnadas na música**

Miguel Buíla é um acérrimo amante e compositor de música Gospel, no seio da comunidade católica em Luanda. Nascido ao 28 de Setembro de 1984, o seu percurso artístico não se pode dissociar da espiritualidade e da fé que o tornaram um artista conhecido.

Homem franzino, de trato fácil, conta que muito jovem ouviu o chamado de Deus para cantar nas agremiações cristãs. Inspirado pelo espírito santo não mediu esforço e aceitou. Mas, até atingir a fama, nem tudo foi fácil na vida Miguel Buíla. Aos quatro anos de idade, o cantor foi acometido por uma paralisia infantil, doença que o tornou dependente de uma cadeira de rodas para se locomover.

"Já não tenho memória de quando fui atingido pela poliomielite, mas segundo relatos da minha mãe, andei e brinquei muito no final dos anos 80, período em que a doença se alastrou. Na época, a doença não era combatida como hoje acontece e o factor pobreza influenciou bastante", lembra.

Para agravar as dificuldades, aos sete anos de idade a sua vida sofre um novo revés com a morte do progenitor, até então o seu porto seguro. Para fugir do martírio do infausto acontecimento, Miguel Buíla procurou apoio na vida cristã. Foi a partir deste perda que entrou para um grupo coral, na paróquia do São Pedro, bairro do Prenda, onde ganhou o gosto pelo canto.

"Escolhi este estilo musical, porque é daqui que tento mostrar as dificuldades que passei enquanto deficiente físico, que a minha mãe teve para me criar e motivar os demais que vivem o mesmo problema ou pior. Andar nos caminhos do Senhor é a solução", frisou.

Embora viva com deficiência nos membros inferiores,

o cantor nunca se revê como alguém que enfrenta dificuldades físicas. Considera que o problema está nas pessoas que insistem em tratar de maneira diferente os portadores de deficiência física.

"Já tive problemas de locomoção, houve vezes em que tive de entrar para um carro sem condições para acomodar a cadeira de rodas. Quando mais novo, dependia de amigos que me levavam às costas. Enfim, estar no palco sem a cadeira de rodas era bastante complicado", lembrou.

Miguel Buíla disse que o seu estado físico não o torna melhor ou maior do que ninguém. Acredita, porém, que chegou até onde está, porque tinha que concretizar um desejo de Deus: "Deus tinha um plano para mim, pois é através das dificuldades que passei que me tornei homem de Deus. As outras pessoas vêem em mim um exemplo de superação e isso me conforta". Ao longo do seu percurso de vida, outros episódios marcaram-no. No aspecto positivo, se emocionou ao recordar do nascimento dos filhos e do dia em que pediu a mão da esposa em casamento e recebeu um sim como resposta.

Miguel Buíla, que recentemente conquistou o prémio Angola Musica Awards (AMA), na categoria de melhor música gospel, tem no mercado três obras discográficas. "Deus me Consola" a terceira obra, lançada em Dezembro do ano passado, da qual consta o sucesso "Abençoe Só", segundo confessou, tem um sabor especial.

"Foi inspirado quando, em espírito de oração, pedi a Deus que me concedesse a graça de ter uma esposa, para que me cuidasse e me fizesse companhia, atendendo que era muito difícil um homem nas minhas condições viver sozinho", justificou.

MANUELA MATEUS



*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.





*Mantenha a sua cidade limpa
num ambiente saudável... Sem lixo*



Nova Ambiental, LDA
Rua da Ponte Partida s/n
Mulevos Viana - Luanda/Angola



DOENÇA RARA BERNARDO VENTURA NÃO SE DEIXOU ABALAR

Três meses depois de ter chegado a Lisboa, as coisas pareciam estar a correr bem para Bernardo Ventura, que tinha marcado mais uma consulta para o dia 1 de Julho, um domingo. Infelizmente, um dia antes, 30 de Junho, entre as 19 e às 20 horas, começou a queixar-se de fortes dores no peito.



SAUDADE INABALÁVEL INFINITOS MOMENTOS DE ALEGRIA E TRISTEZA

Preste a fazer, na quinta-feira, um mês do seu passamento físico, Bernardo Ventura, ou simplesmente BV, como era tratado pelos amigos, deixou na vida de Elisa uma ausência difícil de colmatar. A saudade se mantém.

AGOSTINHO NARCISO | EDIÇÕES NOVEMBRO

VIÚVA DE BERNARDO VENTURA



Esposa recorda os últimos dez dias de vida do jornalista

Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, Bernardo e Elisa Ventura prometeram, em 2015, durante o seu casamento, depois de vários anos juntos, amarem-se até que a morte os separasse. A morte chegou a 9 de Julho de 2018, depois de Bernardo Ventura ter vivido dois anos de uma intensa batalha contra a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA)

Domingos dos Santos
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

A morte, a 9 de Julho, em Lisboa, Portugal, do jornalista Bernardo Ventura, vítima de Esclerose Lateral Amiotrófica, deixou lacunas irreversíveis na vida da viúva Elisa Ventura, que viu o esposo partir para outra dimensão exactamente no mesmo dia em que ela comemorava mais um aniversário natalício.

Preste a fazer, na próxima quinta-feira, um mês do seu passamento físico, Bernardo Ventura, ou simplesmente BV, como era tratado pelos amigos, deixou na vida de Elisa uma ausência difícil de colmatar. A saudade se mantém inabalável, a quem agora cabe o papel de ser mãe e pai para os quatro filhos.

Na residência do casal, no bairro Capalanga, município de Viana, Elisa tenta relembrar os momentos ao lado do esposo, que para ela foram motivos de inúmeras alegrias, mas por mais que queira não esquece o calvário vivido por ele na luta contra a rara doença, até então desconhecida, descoberta a 6 de Fevereiro de 2017, numa unidade

hospitalar de Lisboa, onde chegou na véspera à procura de resposta, depois de andar quase um ano pelos corredores dos hospitais públicos e privados de Luanda em busca de um diagnóstico sobre a doença que o apoquentava.

Desde o momento que lhe foi diagnosticado a doença, Elisa compreendeu que se a situação já era difícil para ela, pior seria para Bernardo Ventura, pois a Esclerose Lateral Amiotrófica é uma das doenças mais cruéis que existem e sem cura, causada pela morte dos neurónios musculares responsáveis por todos os movimentos do corpo humano.

À reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, Elisa recorda os últimos dez dias de vida do esposo, passados em Lisboa, para onde viajou, a 10 de Abril, para recomeçar o tratamento médico iniciado o ano passado, interrompido por falta de dinheiro.

"Chegamos a Lisboa no dia 10 de Abril. Ele estava muito feliz, pois ia recomeçar o tratamento que havia interrompido por falta de dinheiro. Durante um mês, ficamos hospedados em casa de uma prima dele, mas tivemos de arrendar um espaço, para não so-

brecarregar a prima, actualmente desempregada. Ela ajudou-nos muito durante esse período em que estivemos em Lisboa", lembra.

No dia seguinte, o casal foi recebido pela médica que o havia assistido pela primeira vez, tendo ficado muito triste com o seu estado debilitado.

"Ele saiu de Luanda muito debilitado e magro. A médica não gostou de lhe ver. Segundo ela, o Ventura nunca devia ter regressado a Luanda, depois de ter iniciado o tratamento no ano passado", recorda emocionada.

As coisas pareciam estar a correr bem para o jornalista. Inscreveu-se na Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica (APELA), instituição que providenciou um aparelho que lhe permitia escrever com o movimento dos olhos e o acesso gratuito aos medicamentos. Também fez um seguro de saúde.

Dia 1 de Julho, um domingo, tinha marcado mais uma consulta médica. Infelizmente, um dia antes, 30 de Junho, um sábado, entre as 19 e às 20 horas, começou a queixar-se de fortes dores no peito e dificuldades para respirar, por isso pediu a esposa para levá-lo ao hospital.

Começava assim os últimos dez dias de vida de Bernardo Ventura.

Antes disso, nesse mesmo dia, o casal foi a igreja no período da manhã e a tarde, na missa dos doentes de Esclerose Lateral Amiotrófica. "Continuava a queixar-se e pediu para chamar os bombeiros", conta Elisa, enquanto ganhava fôlego para continuar a conversa. "Chamei os bombeiros e colocaram-no numa unidade móvel para receber oxigénio, mas começou a ficar agitado e a convulsionar. Os serviços de emergências médicas foram chamados e levaram-no para o hospital de Vila Franca de Xira, onde já fazia as consultas".

Depois de umas horas, Elisa foi saber sobre o estado clínico do marido e foi informada de que o quadro era estável. Emocionada, conta que tirou fotografias para a posteridade.

Num domingo, 8 de Julho, estava previsto receber alta médica, mas, começou novamente com as convulsões. Queixava-se de falta de ar e catarro na garganta. Já não conseguia falar e muito menos alimentar-se. "Desde o momento que ele internou, eu também já não comia nem dormia", disse.

Segunda-feira, 9 de Julho, Elisa conta que tentou descansar e começou a sonhar estar em sua casa no Capalanga a receber condolências pela morte do marido. Uma ligação telefónica da prima do esposo a despertou do estranho sonho. "Ela perguntou-me se havia recebido alguma ligação do hospital. Respondi que não. Disse-me que havia sido chamada com urgência ao hospital. Fiquei preocupada. Depois o hospital ligou-me também. Eu já estava a chorar. Algo não estava bem", conta.

Elisa lembra que, quando chegaram ao hospital, os médicos disseram-lhes logo que lamentavam, pois tinham feito tudo ao seu alcance para salvar a vida de Bernardo Ventura, mas não foi possível. Ele apenas aguardava pela sua chegada para se despedir.

"Era dia 9 de Julho, data do meu aniversário, quando ele morreu às 11h30 minutos. Antes disso, eu e a pri-

ma tentamos falar com ele, mas já não reagia. Apenas olhou para nós e depois fechou os olhos e o aparelho parou. Morreu, deixando sonhos por realizar", disse.

A viúva diz ser complicado e dolorido não ter o companheiro ao seu lado, mas espera que, com o passar do tempo, as coisas se acalmem.

Enfermeira de profissão, Elisa preenche os seus dias entre os afazeres da casa e a cuidar dos quatro filhos. A viuvez mudou a sua vida e reconhece que esta nova etapa traz novos desafios e perigos, que passam por criar os filhos sozinha.

Mas é sobretudo como companheira do jornalista que Elisa realizou o grande papel da sua vida: ser uma verdadeira companheira na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separou.

"Não foi fácil ver ele sem se mexer e sem sorrir naquela cama do hospital. Adorava muito aquele largo sorriso e atitude positiva que tinha da vida. O nosso amor era totalmente natural. Eu o amo e sempre vou amar, mesmo depois de morrer", garante a viúva.

A confiança e a cumplicidade foram o segredo da relação de ambos e isso foi fundamental para enfrentar os dramáticos últimos dias de vida do jornalista e professor do curso de Comunicação Social no Instituto Médio de Economia de Luanda, onde deixou uma marca indelével nos seus alunos.

"Ao lado do Bernardo Ventura vivi os momentos mais felizes da minha vida. Não me arrependo de nada", sublinha, acrescentando: "o Bernardo nunca deixou de esbanjar o seu largo sorriso, que contagiava todos ao seu redor. Apesar da gravidade da doença, não se deixou abalar. Em nenhum momento ficou triste. Ele dizia que não tinha problema em morrer, porque sabia que para termos vida eterna, temos que morrer", frisou.

Bernardo Ventura, cujo legado de coragem, fé e esperança marcou todos que o conheceram, caso estivesse vivo, faria, a 16 deste mês, 40 anos. O funeral realizou-se a 14 de Julho, no Cemitério da Sant'Ana.

LUANDA

O JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL



Um título independente



A vida da província de Luanda com muito mais conteúdo e dinamismo...

(400.409b)

PROPRIEDADE



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

PLANALTO

A FORÇA E TRADIÇÃO DO SEU POVO AQUI REFLECTIDO

O JORNAL DO HUAMBO E BIÉ



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa



ÓBITOS E PEDIDOS NO BIÉ

USO DE PANOS AFRICANOS É OBRIGATORIO

O uso de panos de origem africana nas cerimónias fúnebres e alambamentos tornou-se numa prática obrigatória entre as mulheres adolescentes e adultas da província do Bié, conduta que promove à cultura da região e por isso está a ser muito elogiada pelas turistas. São mulheres de vários estratos sociais que, nos óbitos, por exemplo, usam panos em respeito à família enlutada e à sociedade, além de manifestarem tristeza e afecto. Os panos africanos são agora traços e gírias das mulheres da cultura umbundu. As mulheres que não os usam de forma regular têm sempre uma peça guardada numa bolsa.

ESTÁDIO DE FUTEBOL CACILHAS VIROU CAMPO AGRÍCOLA

A 6 de Setembro de 2012, com pompas e circunstâncias, o Estádio das Cacilhas, um património histórico da cidade do Huambo e símbolo do Sport Mamburá e Benfica, foi demolido, para a construção de um novo recinto para a prática do futebol. Na altura, muitos aficionados do desporto acreditavam que - tempos depois - viria uma nova era para o tradicional clube do bairro das Cacilhas, na zona suburbana da urbe huambuense Puro engano.

Hoje, todos aqueles que acreditavam, piamente, que o conceito de edifício do novo estádio das Cacilhas, padronizado à dimensão de uma infra-estrutura moderna do século XXI, iria significar o ressurgimento do Mamburá do Huambo, sentem-se defraudados.

OS MAIS ALTO DO HUAMBO 2,30 METROS DE HENRIQUES SOCUMBE

Solteiro de 33 anos, é tido como o homem mais alto da província do Huambo e, quiçá, do país. No alto dos seus 2,30 de altura, Henriques Socumbe nunca teve a sorte de encontrar alguém que o usasse para a sua estatura e o levasse a treinar basquetebol ou voleibol, duas modalidades que "condam" para o seu uso, pessoas com uma estrutura





O que nós sentimos é que os pacientes recorrem com frequência à comunicação social, as vezes para denegrir um profissional que está ali com empenho e firmeza a fazer o seu trabalho, apenas porque houve falta de comunicação

AGOSTINHO JOSÉ MATAMBA
Director do Hospital Américo Hospital

**COMANDO DE VIANA
DETIDO ENCONTRADO
SEM VIDA NA CELA**

Um cidadão, que em vida respondia pelo nome de Zelito Orlando Neves, de 32 anos, foi encontrado sem vida, na semana passada, no interior de uma das celas do Comando Municipal de Viana da Polícia Nacional, supostamente por morte patológica.



MORGUE EM ZONA RESIDENCIAL

Obras continuam apesar de embargadas

As obras de construção de uma morgue, próximo do projecto habitacional do Banco de Poupança e Crédito (BPC), continuam apesar de terem sido embargadas pela administração do Distrito Urbano do Camama, município de Talatona.

Os moradores exigem a suspensão imediata e incondicional das obras, que ganharam maior intensidade, depois do Serviço de Fiscalização da Administração do distrito do Camama ter decretado a sua paralisação.

A Administração garante que as obras foram, de facto, embargadas e paralisadas, mas os moradores desmentem essa informação, sustentando que as mesmas continuam o seu curso normal como se nada tivesse acontecido.

A reportagem deste jornal esteve sexta-feira no local e encontrou homens e máquinas a trabalharem nas fundações da morgue, cujas obras devem estar concluídas dentro de 24 meses.

O Governo Provincial de Luanda descarta qualquer envolvimento no "negócio", enquanto o Ministério da Saúde, apontado como dono da obra, só sob pressão admitiu a sua autoria, escusando-se em avançar mais dados a respeito.

O secretismo que envolve a sua construção, marcada pela ausência de informações complementares, tem deixado os moradores mais intrigados. Eles suspeitam que a obra envolve altas figuras do Executivo.

A administradora do Distrito Urbano do Camama, Luiza Fonseca André, desconhece os meandros da sua construção. "Foi ordenada a suspensão das obras, até que o dono apresente a documentação que autoriza a sua execução", garantiu.

Apesar dessa medida da Administração, os moradores criticam o facto

da proibição ter sido escrita com cor vermelha por cima de chapas com a mesma cor, tornando-a praticamente invisível.

Os moradores reclamam que a morgue representa um sério risco à saúde das pessoas que residem à sua volta e defendem que o espaço devia ser utilizado para a construção de escolas e centros de saúde.

Fontes do Ministério da Saúde garantem que o local foi cedido pelo Governo Provincial de Luanda, em 2008, para a construção de um necrotério, numa altura em que não haviam residências à sua volta. Mas os moradores desmentem esta informação afirmando que a área foi desde o início reservada para a construção de infraestruturas sociais como escolas e outras.

Tendo em conta a construção de uma nova pediatria nas proximidades, os moradores defendem que a morgue deveria ser instalada nessa unidade hospitalar.

**EMPRESA DE CONSTRUÇÃO
SCONTRADING**

A obra tem como empreiteira a empresa Scontrading e a fiscalização está a cargo da Dar Angola, uma renomada empresa supostamente, defendem alguns moradores, criada por altas figuras do Executivo. Está envolvida em projectos multimilionários, o que faz aumentar as desconfianças dos moradores. "Apesar do Ministério da Saúde de aparecer como dono da obra, temos sérias dúvidas que isso seja verdade. Isso deve ser um negócio de milhões que pode envolver pessoas de grandes posses", afirmou Rui Miguel, acrescentando que não vão parar com as reivindicações, enquanto as obras não forem definitivamente suspensas.

PIMENTA KAJOCOLO

Resenha da Semana

**CACUACO E CAZENGA
GOVERNADOR DE LUANDA
EXONERA ADMINISTRADORES**

Os administradores municipais de Cacuoaco e do Cazenga, Carlos Cavuquilha e Victor Narciso, foram exonerados, a semana passada, pelo governador provincial de Luanda, Adriano de Carvalho. Para ocupar os cargos de administradores municipais foram nomeados em comissão de Serviço, para Cacuoaco, Augusto José e para Cazenga, Albino da Conceição. Adriano de Carvalho nomeou igualmente, Tomás Bica, para em comissão de serviço exercer o cargo de administrador municipal adjunto para o Sector Político e Social de Cacuoaco, enquanto Ermelindo Pereira é o novo vice-presidente para área política social, assuntos comunitários e ambiente da Comissão Administrativa de Luanda. Na mesma semana, o governador exonerou o administrador do Distrito Urbano do Kilamba, João Baptista Domingos.

**TRIBUNAL PROVINCIAL
CIDADÃ CONDENADA
POR AGREDIR FISCAL**

A cidadã Maria Francisco Bento, 45 anos, foi condenada a semana passada, pelo Tribunal Provincial de Luanda, a pena única de cinco meses de prisão pelo crime de agressão a agentes da Fiscalização do Governo Provincial (GPL). A sentença foi substituída por pagamento de uma multa no valor diário de 40 Kwanzas. Pela mesma prática, a cidadã deverá pagar a taxa de justiça de 80 mil Kwanzas, para além de indemnizar o ofendido com a quantia de 200 mil Kwanzas e de pagar 7.645 Kwanzas para reparação dos danos patrimoniais causados ao GPL. A condenada é ainda obrigada a pagar cinco mil Kwanzas de emolumentos ao seu defensor oficioso.

**ALEITAMENTO MATERNO
MULHERES EM LUANDA
FAZEM "MARATONA"**

A semana mundial do aleitamento materno, que decorre desde o dia 1 de Agosto, está a ser celebrado, em Luanda, com várias actividades que incentivam às mães para amamentarem, exclusivamente com leite materno, os seus bebés até aos seis meses de vida. Nas maternidades e hospitais maternos infantis, varias mães, com os bebés lactentes ao colo, reuniram-se para um "Mamaço" - uma espécie de maratona de amamentação - para assinalar a data. A coordenadora do núcleo de aleitamento materno da Maternidade Lucrecia Paim, Elisa Gaspar, lembrou que as mães que amamentam os seus filhos estão protegidas contra o cancro do colo do útero, da mamã e outras doenças. "Os bebés ficam igualmente protegidos quando são amamentados com o primeiro leite que as mães chamam de água e os médicos de colostro", esclareceu. Segundo a especialista, o colostro é considerado a primeira vacina do bebé, porque transporta imunidade da mãe para o recém-nascido. Depois vem o leite intermediário e a seguir o maduro", frisou. Elisa Gaspar alertou que o aleitamento materno não é apenas da responsabilidade das mães, mas também dos pais, da família e da sociedade. "Quando uma mulher está a amamentar, todos devem engajar-se para que ela se sintam bem", disse.

Por fim...

**ANTÓNIO
PIMENTA**
Sub-editor



**MORGUE
DA DISCÓRDIA**

Duas semanas depois de a imprensa ter tornado público a construção de uma morgue próximo de uma zona residencial no distrito urbano do Camama, município de Talatona, o Governo de Luanda e o Ministério da Saúde, dono da obra, continuam sem apresentar os documentos e os valores que autorizam a execução da obra.

Pelo que tudo indica, ninguém quer saber das reclamações dos moradores do projecto habitacional do Banco de Poupança e Crédito (BPC), que apelam para a suspensão urgente e definitiva da construção da morgue próximo das suas residências.

A julgar pelas nossas contas e, como é comum ouvir-se comentar em círculos políticos, em Luanda, se não acontece na terceira, é porque nada mais vai acontecer. Por outras palavras, podemos dizer que, se não ouve qualquer reacção por parte das autoridades até o momento, é improvável que alguém o venha a fazer.

Como a esperança é a última a morrer, vamos continuar a insistir até alguém vir a público esclarecer os contornos de um negócio que começa tornar-se misterioso. Vamos contar três dias para ver se alguma voz autorizada se pronuncia sobre o orçamento desta empreitada, se o investimento é público ou privado e os motivos que os leva a construir numa zona residencial, sem a prévia consulta dos moradores.

A execução de uma obra desta natureza, sem obedecer as regras, fazem-nos recuar no tempo das "vacas gordas", em que os interesses mercantis sobrepujam-se a tudo e a todos. Do tempo em que os projectos eram desenhados e cabimentados com recursos do Orçamento Geral do Estado, mas que na prática nunca saiam do papel. Esses projectos serviam apenas para justificar gastos.

Sem querer dizer que se trata de mais um caso, pretendemos com esse apontamento chamar a atenção de quem de direito, no sentido de impor ordem no círculo, chamando à razão o Ministério da Saúde para, em hasta pública, esclarecer as dúvidas que pairam no ar sobre a construção da morgue numa zona residencial. Os moradores, agastados, defendem que a morgue pode ser instalada no novo hospital pediátrico, em construção nas proximidades daquele projecto habitacional.



CONSTRUÇÃO Moradores reclamam que a morgue representa um risco à saúde